ILUSTRAÇÃO

ANO - Nº 52 - LISBOA, 16 DE FEVEREIRO DE 1928 - PREÇO 4$00

Veramon

Schering

acalma as dôres

de dentes, de cabeça e o mal estar proprio da mulher, sem que se apresente desagradavel sensação de cansanço ou de calor, ou palpitações cardiacas, tomando 1 a 1½ comprimido de Veramon com intervalos de 2 a 3 horas. Decida-se a fazer uma despeza insignificante e tirara d'isso um resultado valioso. Tubos de 10 e 20 comprimidos de 0,4 gr.

80316322

Nunca se pensou que um carro de 6 cilindros, verdadeiramente de luxo, pudesse ser vendido pelo preço do novo "Club Sedan Erskine S x"! Construido pela Studebaker para a Europa, não esqueceu aquela de fazer com que a verba a dispender com o seu "entretien", fôsse muito mais baixa do que a de qualquer outra carro de luxo.

O CARRO QUE EM BREVE COMPRAREIS

E no entanto, como funcionamento, não fica atraz dos carros grandes, possuindo já titulos de nobreza, taes como o de um record extraordinario (13 de Outubro de 1927), de 87 km. 047 á hora, durante 24 horas, incluindo todas as paragens.

6 cil. 12 H. P. 100 km. á hora
sobe, em prise directa,
rampas com 11 o/o de inclinação

O Studebaker é actualmente o detentor de todos os records americanos de velocidade e resistencia, em carros de serie, seja qual fôr o seu custo e força

O novo "Club Sedan" Erskine Six Escudos **33.800$00**

"Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital".

Unicos representantes para Portugal:
G. SANTOS, LDA
LISBOA: Rua de Crucifixo 55 a 59 PORTO: Praça da Liberdade, Edificio da Nacional

STUDEBAKER
ERSKINE SIX

Grup-fix A COLA IDEAL

ACEIO — ECONOMIA — RAPIDEZ

Não se entorna, colando imediatamente após a sua aplicação Preço 12$00

Únicos representantes para Portugal e Colónias

AILLAUD, LIMITADA

73, Rua Garrett, 75 — *LISBOA*

DESENHO ELEMENTAR
ORNATO
FIGURA
AGUARELA
OLEO
GRAVURA
CARICATURA
DESENHO DE IMAGINAÇÃO
ESTILISAÇÕES
ARTES DECORATIVAS FEMININAS

Tudo isto tem por base o desenho e tudo isto se ensinará pelos mais modernos processos didáticos no CURSO DE DESENHO POR CORRESPONDENCIA que foi aberto aos assinantes e leitores do «*ILUSTRAÇÃO*», «*VOGA*» e «*MAGAZINE BERTRAND*». Se dispõe de 1 ou 2 horas por dia pode, sem saír de sua casa aprende-lo. Veja no «*MAGAZINE BERTRAND*» as condições.

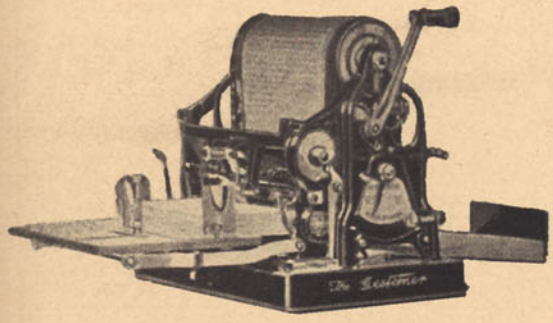
ALEXANDRE HERCULANO

Acaba de aparecer a 27.ª edição de

EURICO
O PRESBYTERO

COM DOIS APENDICES

Edição das
Livrarias AILLAUD e BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA



TIRA 100 COPIAS POR MINUTO!!

Cada escritório precisa organisação ! !
Todo o negocio precisa desenvolvimento ! !

O DUPLICADOR
"D. GESTETNER"

O melhor duplicador do Mundo póde ser nos dois casos de imensa utilidade !

PEÇAM DETALHES Á CASA

A GESTETNER, L.DA

Rua de Passos Manuel, 249
PORTO
Telefone N.º 1081

Rua da Conceição, 125
LISBOA
Telefone: Central 320

"KAPPEL"

A maquina de escrever mais resistente, mais perfeita e mais garantida no seu funcionamento

PEÇAM DETALHES A

A GESTETNER, L.DA

PORTO — Rua Passos Manuel 249
Telefone N.º 1081

LISBOA — Rua da Conceição, 125
Telefone: Central 320

WOODSTOCK "ELETRICA"

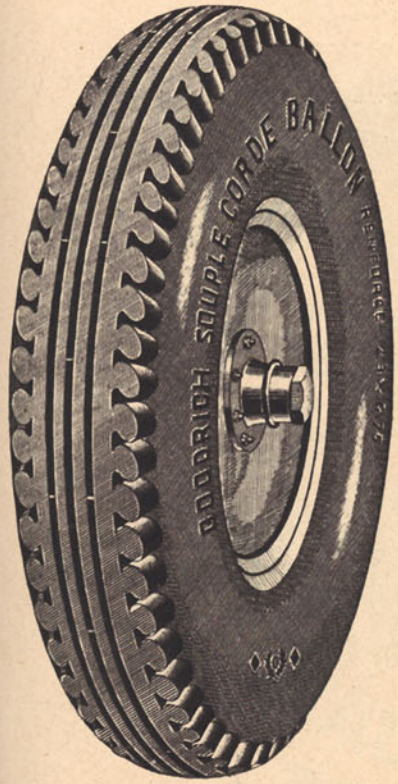
A maquina mais aperfeiçoada do mundo.
A sua mecanica é uma maravilha, a suavidade com que se escreve é uma tentação para o datilografo
O carretto, é mais amplo do que qualquer, e as suas inumeras vantagens são ineguaiaveis.

EXPOSIÇÃO E VENDA:
J. GONÇALVES
Calçada do Carmo, 10
LISBOA

Tamanho real do volume

DICCIONÁRIO ENCICLOPÉDICO
LUSO-BRASILEIRO
publicado sob a direcção de JAIME DE SEGUIER
(Segunda edição revista)
LIVRARIA CHARDRON de Lelo & Irmão, Limitada — Editores
144 — Rua das Carmelitas — PORTO
DEPOSITÁRIOS EM LISBOA:
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND—*R. Anchieta, 25*

Língua portuguesa, Artes, Letras, Sciências, Sinónimos, Termos brasileiros, Locuções latinas e estrangeiras. Mais de vinte mil artigos de História, Biografia, Geografia, (particularmente de Portugal e Brasil). — Notícias bibliográficas relativas às obras capitais de tôdas as literaturas, especialmente da portuguesa e brasileira. —Mitologia, Monografias de obras de arte famosas.—6.000 gravuras distribuidas no texto, 110 quadros enciclopédicos, 1.000 retratos de individualidades célebres, 90 mapas geográficos, 8 mapas a côres, etc. — Preço do volume encadernado, 40$00. Pelo correio, registado, mais 4$50.



GOODRICH

O PNEUMATICO MAIS RESISTENTE E DE MAIOR RENDIMENTO

AGENTES GERAIS:

OREY, ANTUNES & C.ª L.DA

4, P. Duque da Terceira LISBOA — *59, Avenida dos Aliados* PORTO

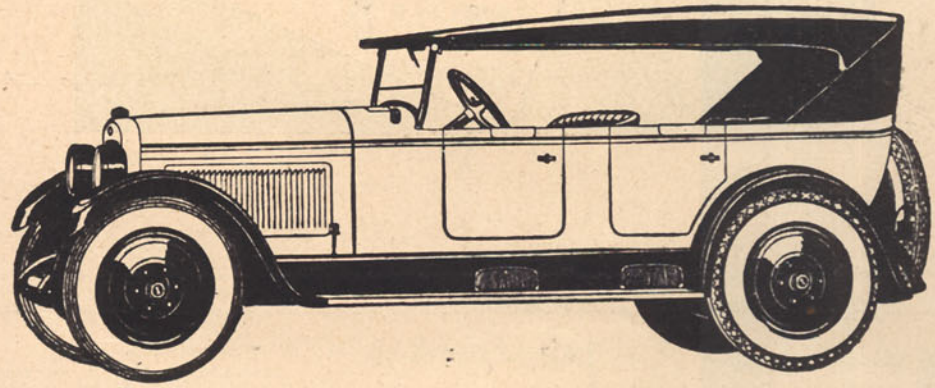
OS MAIS PRATICOS E RESISTENTES

AUTOMOVEIS

DIVERSOS TIPOS

O CARRO UTILITÁRIO

NASH



AGENTES GERAIS: OREY, ANTUNES & C.ª L.DA

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA — *59, Avenida dos Aliados — PORTO*

S. A. P. Serviços Aéreos Portuguezes, Ltd.
AVENIDA DA LIBERDADE, 3

Serviço aéreo entre LISBOA-MADRID
com aviões JUNKER'S completamente metálicos

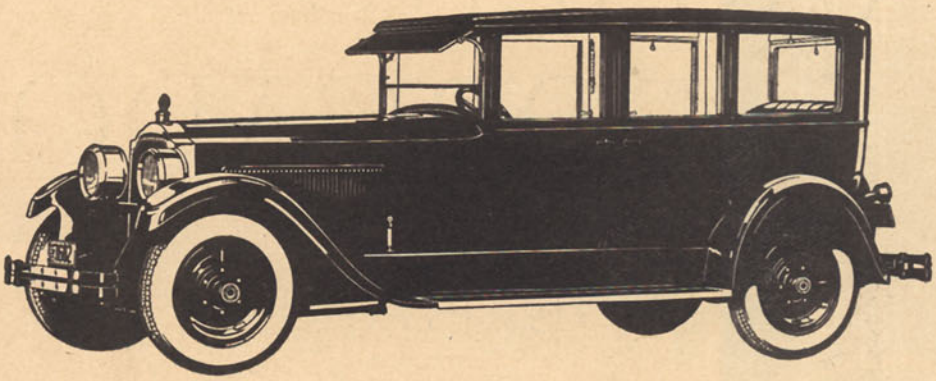
Para Madrid: (3.ª feira / 4.ª feira / Sábado) 10,30 horas

Avião: 4 horas
Combóio: 17 horas

Para informações dirigir-se a todas as agencias de vapores e de turismo bem como à sede da Companhia

Packard

O MAIS ELEGANTE DOS CARROS



O AUTOMOVEL DOS ENTENDEDORES

CONSULTAE
OS
DONOS DOS
PACKARD

SALÃO DE EXPOSIÇÃO:
4, Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

OREY ANTUNES & C.ª L.DA
LISBOA—PORTO

LEIAM O FORMIDAVEL
EXITO LITERÁRIO

TRABALHOS FORCADOS

DO GRANDE PAMFLETÁRIO

JOÃO CHAGAS

O MAIS COMBATIVO
DE TODOS OS VOLU-
MES DE MEMÓRIAS

A REVOLUÇAO DE 31
DE JANEIRO VISTA
POR UM DOS QUE
TOMOU PARTE NELA

EDIÇÃO DEFINITIVA EM 3 VOLUMES
Cada volume brochado . . . . . **10$00**

PEDIDOS ÁS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30--Lisboa

ILUSTRAÇÃO

PROPRIEDADE E EDIÇÃO:
AILLAUD, L.DA
R. Anchieta, 25--Lisboa

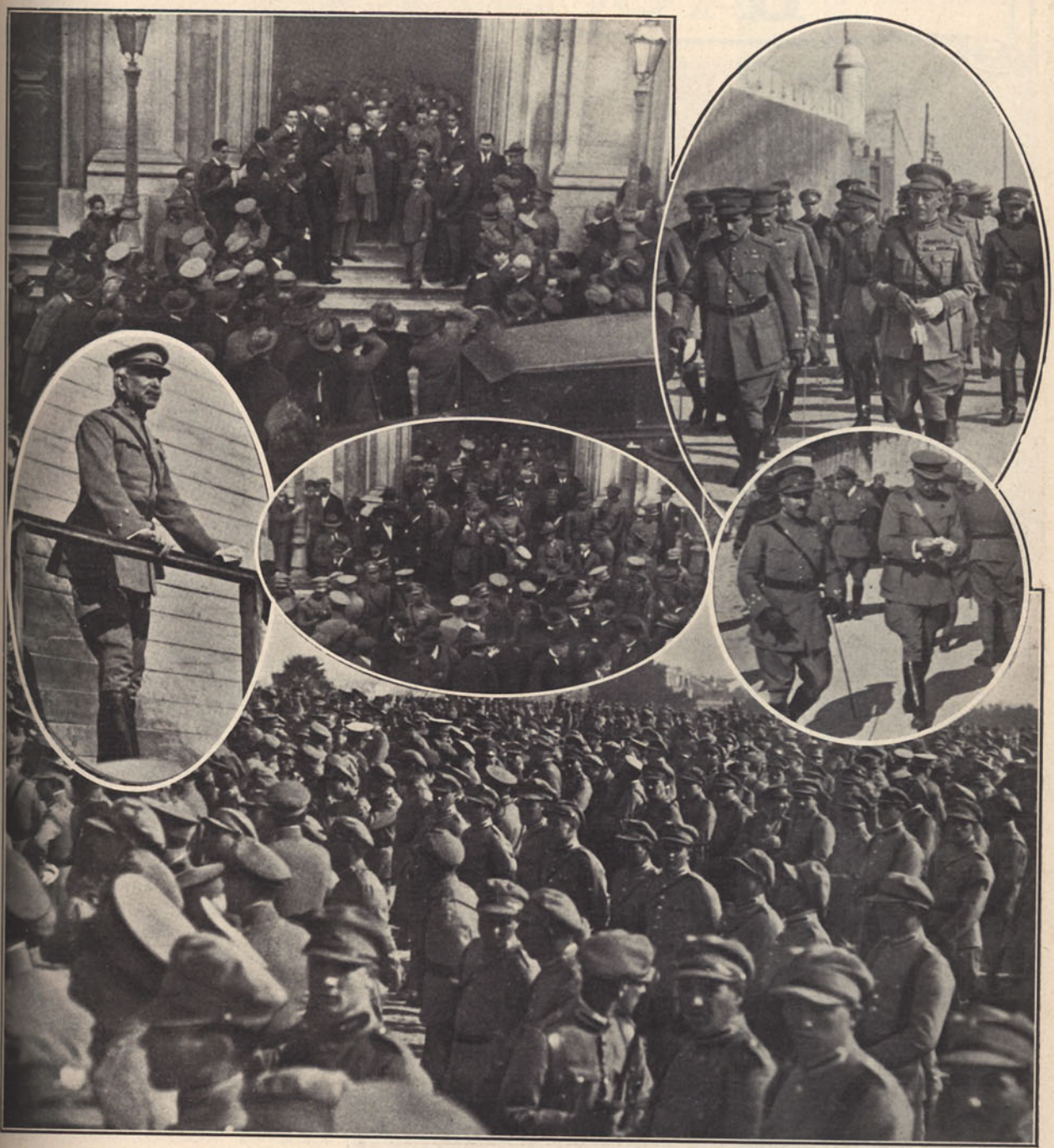
FUNDADOR E DIRECTOR-DELEGADO:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

ANO 3.º — NÚMERO 52

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE FEVEREIRO DE 1928



A REVOLUÇÃO DE FEVEREIRO FOI COMEMORADA OFICIALMENTE COM BRILHANTISMO. ARQUIVAMOS NAS NOSSAS PÁGINAS ALGUNS MOMENTOS INTERESSANTES DAS SOLENIDADES MILITARES, ONDE O SR. GENERAL DOMINGUES, GOVERNADOR MILITAR DE LISBOA, PRONUNCIOU UM DISCURSO BRILHANTE NA PRESENÇA DO SR. MINISTRO DA GUERRA, E AS EXEQUIAS POR ALMA DOS SOLDADOS MORTOS, COM A PRESENÇA DO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA

(Fotos M. Novais)

CRÓNICA DA QUINZENA

Lê-se a páginas 205 do segundo volume das obras completas de Chamfort, terceira edição: —*Preguntei a M... qual a razão porque recusava um casamento vantajoso.. Não quero casar, respondeu-me êle, porque receio ter um filho, que seja como eu. Notando a minha surprêsa, muito natural, visto M... ser pessoa honesta, êle explicou: —Sim, receio ter um filho que sendo pobre como eu, não saiba mentir, adular, rastejar, e tenha, por isso, de sofrer as torturas que eu tenho sofrido.*

Este Chamfort, como o leitor muito bem sabe, foi um dos mais altos espíritos do século XVIII, em França, e uma das mais ilustres vítimas do terrorismo jacobino. Era filho do amor livre, e há quem pretenda que os filhos do amor livre, por via de regra, se nem sempre são mais inteligentes que os filhos do contrato legal, são pelo menos mais espertos, não sendo, todavia, certo que a esperteza seja uma forma da inteligência.

Certo é que Chamfort, ainda menino, entregue aos cuidados e solicitudes de sua mãe, e depois, lançado nos estudos, entregue a si próprio, unicamente a si próprio, adquiriu a sciência universitária do seu tempo, estudante sempre distinto, carregado de prémios académicos, e sempre triunfante nos concursos literários em que tomava parte.

Quando estalou a revolução, em 89, Chamfort, já afamado nas letras, como prosador e como poeta, tendo conseguido franco sucesso no teatro, como comediógrafo, renunciou a uns lugares que tinha, lugares oficiais, para, sem constrangimentos de qualquer ordem, numa absoluta independência, apreciar os acontecimentos que se iam desenrolando.

Perante as atrocidades do *Terror*, Chamfort gritou os seus protestos indignados, e daí a pouco a sua voz era abafada na estreiteza duma cadeia, que só por milagre não foi, para êle, a ante-câmara da guilhotina.

Esta violência, a prisão arbitrária, embora de curta duração, indignou-o a tal ponto, e intensificou de tal modo o seu amor à liberdade, que mais tarde, um pouco mais tarde, procurando-o em sua casa, para novamente o prenderem, êle tentou, inutilmente, matar-se a tiro e à facada, e, a escorrer sangue, sofrendo horrivelmente, dita esta declaração nobilíssima, duma grandeza estóica:

Eu, Sébastian-Roch-Nicolas Chamfort, declaro ter querido morrer como homem livre, para não ser outra vez, como escravo, metido numa prisão. Mais declaro que, se a despeito do estado em que me encontro, teimarem em novamente me prenderem, as fôrças que ainda me restam chegarão para acabar o que principiei. Sou um homem livre: não mais entrarei, vivo, numa cadeia.

Num quarto vizinho, ardendo em zêlo patriótico, delegados do *Comité de Salvação Pública* mal se apercebiam da tragédia que se desenrolava quási na sua presença, e aguardavam, impacientes, que aquele cidadão *suspeito* fizesse a sua *toilette*, para o conduzirem... à guilhotina. Morreu pouco tempo depois, em conseqüência dos múltiplos ferimentos com que pretendera matar-se, afirmando práticamente que a liberdade é um bem tão precioso, um tão alto predicado da dignidade humana, que por ela o homem deve sacrificar a própria vida.

Pois Chamfort, que nascera sem pai e morreu sem filhos, decorrendo a sua vida entre 1741 e 1794, sob a forma de anecdota foi-nos dizendo que na sociedade do seu tempo não saber mentir, não saber adular, não ser capaz de andar de rastos, eram insuficiências de carácter, defeitos de educação, que embaraçavam, tornando-o espinhoso, o caminho da vida.

*
* *

Vão decorridos 134 anos por sôbre a morte de Chamfort, e eu pregunto aos homens de carácter, como êle era, embora menos filósofos e menos moralistas do que êle foi, se não reconhecem que a anecdota acima referida tem uma flagrante actualidade.

Por mim, dou graças a Deus por não ter filho nem filha, pessoa que por fôrça da lei ou por imposição natural eu devesse encaminhar, ontem ou hoje, no caminho da vida, instruindo-a e educando-a por forma a garantir-lhe, na medida do possível, a sua felicidade individual, sendo ao mesmo tempo uma utilidade ou valor para a comunidade.

Numa sociedade do nosso tempo, normal no seu desenvolvimento e de capacidade e tendências progressivas, a perfeita daptação ao meio, tomando a palavra no seu mais largo e rigoroso significado, garante ao indivíduo um completo equilíbrio, condição máxima, embora não seja a única, para que êle satisfaça plenamente as suas necessidades, não veja malogrados os seus desejos e realize as suas aspirações.

Mas numa sociedade em desordem, como a nossa, umas vezes parecendo que começa, e mais freqüentemente dando a impressão de que acaba; numa sociedade nem instruída nem educada, de moral frouxa, de costumes dissolutos, tendo perdido as crenças religiosas sem ter adquirido convicções scientíficas; numa sociedade que mal sabe o que foi no passado, e não cura de saber o que será no futuro, numa tal sociedade a adaptação ao meio importa o aviltamento do espírito e a degradação dos caracteres, circunstâncias que podendo garantir cómodos e gosos aos indivíduos, minam os alicerces do agregado social.

Estamos afirmando, ao que parece, superiores aptidões de raça társica, sem horizontes intelectuais a que se nos prendam os olhos, no anceio de emoções delicadas, sonhando glórias e triunfos; mas é duvidoso que um povo, a caminhar só com os pés, se aguente na jornada dos séculos, demandando superiores destinos.

BRITO CAMACHO.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ACTUALIDADES

NA OVAL, *à esquerda*: — A manifestação dos vini-viticultores do Douro, em favor do Entreposto de Gaia, passando na Praça dos Restauradores

A direita: — Inauguração das novas salas de leitura da Biblioteca da Academia das Sciências de Lisboa

NA OVAL, *à direita*: — A manifestação de respeito a Gualdino Gomes, levada a efeito por um grande grupo de intelectuais, em homenagem às belas qualidades dêsse curioso espírito

NA OVAL, *à esquerda*: — A recepção na Legação de França, com a assistência do sr. Cardeal Patriarca, em que foi imposta a Legião de Honra ao reverendo Caullet, de S. Luís Rei de França

EM BAIXO: — A comissão dos vini-viticultores do Douro que promoveu a manifestação de aplauso ao govêrno pela criação e manutenção do Entreposto de Gaia

(*Fotos de Mário de Novais*)

VIDA SOCIAL E ARTÍSTICA

À esquerda: A exposição Leal da Câmara; o Chefe do Estado e o sr. Ministro da Agricultura visitaram a exposição do glorioso artista

Ao centro da página. O casamento, realizado em Sintra, da Ex.ma Sr.a D. Julieta La Roque Gomes de Amorim com o Sr. Francisco Xavier de Albuquerque de Orey

No medalhão: A poetisa Maria Fernanda de Castro Ferro e Berta Singerman, depois da deliciosa conferência que a primeira realizou no S. Luís, ilustrada pela grande declamadora

Na oval: O casamento da Ex.ma Sr.a D. Maria de Lourdes Sanches de Baena, filha do Sr. D. Luís de Sousa de Sanches de Baena, com o Sr. Joaquim Mousinho de Mascarenhas Gaivão, realizado na capela do seu palácio de Benfica

Em baixo: O mais interessante acontecimento artístico da quinzena foi a exposição da talentosa pintora Maria Adelaide de Lima Cruz, no salão Bobone. No grupo, a expositora com sua mãe D. Adelaide Lima Cruz que expõe três magníficos trabalhos e o mestre Carlos Reis

Fotos de Mário de Novais.

VIDA SOCIAL E ARTÍSTICA

O «RAID» LISBOA-PANGIM

Carlos Eduardo Bleck, o destemido sportman, primeiro piloto-aviador civil português, honra do seu país, que está realizando, absolutamente só e com enorme êxito, a viagem Lisboa-Índia Portuguesa, na sua «Avionette 30-80 HP.» *Portugal*, tendo já efectuado com felicidade as primeiras «étapes» do seu «raid», que ficará constituindo o «record» mundial de viagens de longo curso em aparelhos dêste tipo. Carlos Eduardo Bleck tem apenas 24 anos de idade e desempenha, a bordo da sua frágil aeronave, o tríplice papel de piloto, observador e mecânico. As médias de velocidade e a precisão com que vai decorrendo o maravilhoso vôo, auguram um formidável triunfo para a aviação portuguesa.

Realizou-se o casamento da Sr.ª D. Judite Jordão Taborda, filha do ilustre clínico no Fundão Dr. João Augusto Taborda e da Sr.ª D. Ovínia Dantas Jordão Taborda, com o distinto médico Dr. João da Fonseca Amaral. Os noivos à saída da igreja

Teve um grande êxito artístico o delicioso recital do violinista Paulo Manso e da pianista D. Laura Croner, realizado no Salão do Conservatório e em que foram executadas 3 sonatas de Leken, Fauré e Cesar Franck

O desfecho da Semana dos Artistas foi o chá oferecido à família teatral pelo ilustre director do nosso presado colega *Diário de Lisboa*, Dr. Joaquim Manso. Á festa, que se realizou no Estoril, assistiram as mais interessantes artistas do nosso teatro, das quais se vêem neste grupo Adelina Abranches, Maria Judice, Palmira Bastos, Lucilia, Maria Sampaio, Aldina de Sousa, Maria Santos, Satanela, Auzenda etc.

Na igreja de Santa Izabel efectuou-se o casamento da gentilíssima Senhora D. Irene Tavares d'Andrade Affonso dos Santos, filha do capitão de fragata engenheiro Joaquim Afonso dos Santos e D. Izabel Tavares Afonso dos Santos, com o Sr. Eduardo Augusto Vaz da Silva, engenheiro agrónomo. Foi padrinho o nosso ilustre camarada Carlos Selvagem e celebrou Monsenhor José Mota

(*Fotos Mario Novais*)

SOCÍEDADE ELEGANTE

A EX.ma SENHORA MINISTRA DE FRANÇA

MADAME PRALON, UMA DAS MAIS DISTINTAS E FORMOSAS SENHORAS DO CORPO DIPLOMÁTICO

PORTO

1 — A parada militar comemorativa do 31 de Janeiro; desfile das tropas ante o sr. Comandante Militar, na Praça da Liberdade

2 — Os srs. Ministro da Guerra e Comandante Militar com oficialidade superior, ante o monumento da Guerra Peninsular em via de conclusão

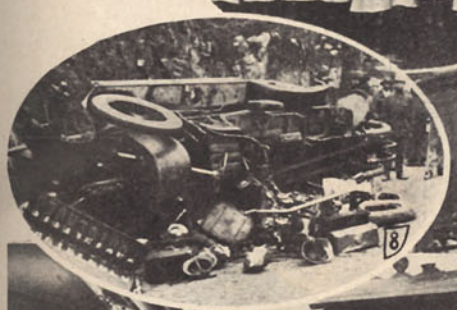
3 — A passagem do novo pelotão ciclista da Polícia de Segurança, na Praça da Liberdade

4 — Os srs. Ministros da Guerra, Instrução, e Comandante Militar, por ocasião da sua visita ao mosteiro da Serra do Pilar

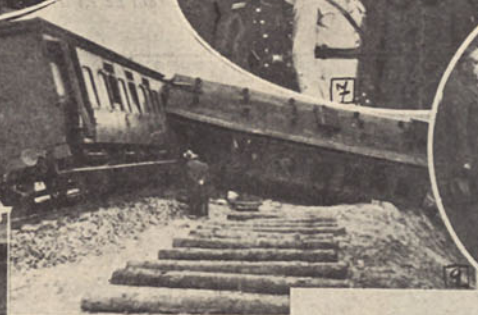
5 — Visita dos srs. dr. Alfredo de Magalhães e tenente coronel Passos e Sousa à Casa dos Filhos dos Soldados

6 — No cemitério do Prado do Repouso. — As comissões políticas do Partido Republicano Português, que foram depôr flores no monumento dos vencidos do 31 de Janeiro

7 — O sr. Ministro da Guerra à saída da Estação de S. Bento



8 — O auto-pronto-socorro dos Voluntários portuenses voltou-se ao correr para um incêndio e ficou destruído



9 — Em Contumil descarrilou um combóio matando dois ferroviários e ferindo alguns passageiros

10 — A chegada à gare de S. Bento do sr. Ministro da Guerra, tenente coronel Passos e Sousa

11 e 12 — Outros aspectos do desastre ferroviário de Contumil, obtidos momentos após o sinistro

(*Clichés Alvaro Martins*)

FIGURAS DO MOMENTO

MARTY

O deputado comunista francês que foi encarcerado à saída do Parlamento.

(Foto H. Manuel)

BERGSON

Da Academia Francesa, proposto para o Grande Prémio Nobel de Literatura, em 1928.

(Foto H. Manuel)

BLASCO IBAÑEZ

O formidável escritor espanhol, um dos escritores mais justamente célebres em todo o mundo e que acaba de morrer no seu palácio da Côte d'Azur. Blasco Ibañez era o autor inolvidável de *Sangre y arena*, *Los quatro jinetes del Apocalipsis*, *Cañas y barro*, *La Catedral*, *Mare nostrum* e outras célebres obras literárias que correm mundo e são das mais vigorosas na língua espanhola.

(Máscara de Roberto Nobre)

MÁRIO DOMINGUES

O moço escritor e contista de raro engenho que acaba de obter um magnífico êxito literário com o seu romance satírico *Anastácio José, primeiro marquês de Santa Clara*, vindo agora a lume e que é uma poderosa afirmação de talento.

O REI DO AFGHANISTAN

S. M. o rei Amanulah Khan que, em companhia da rainha Shouraya, estão em Paris, ligando-se grande importância internacional a esta visita real ao Elíseu.

(Foto H. Manuel)

RAÚL BRANDÃO E TEIXEIRA DE PASCOAIS

Os dois mestres escritores que estão obtendo um merecido triunfo editorial com a sua tragi-comédia *Jesus Cristo em Lisboa*, obra acerbamente discutida e que é, sem dúvida, um dos livros mais profundamente curiosos e originais da moderna literatura portuguesa. Instantâneo flagrante dos dois artistas, obtido por Mário Novais.

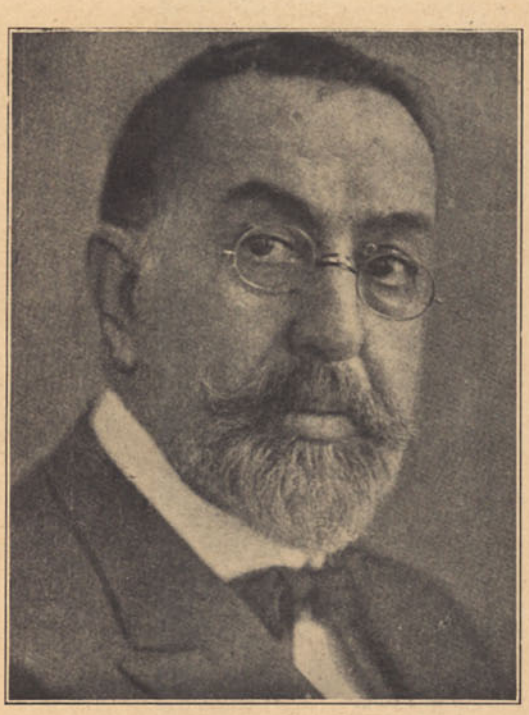
Vacuum Oil Company

Rocio, 67. Tel. N. 3075 e nas suas Agencias

IMPRENSA BRASILEIRA

DR. CABUHY PITANGA

(JOSÉ LOPES DOS REIS)



Dr. Cabuhy Pitanga (José Lopes dos Reis)

Dr. Cabuhy Pitanga era o seu pseudónimo; José Lopes dos Reis o seu nome de baptismo e de família. Mas como João Luso, o brilhante literato, que tão raros sabem que se chama Armando Erse de Figueiredo (Armando Erse, que assinatura! mas João Luso não a quiz por estrangeirada) era por Dr. Cabuhy Pitança que se tornara famosamente conhecido o jornalista e crítico que durante 20 anos ensinou na Caixa de «O Malho» como se fazem versos, como se escreve com gramática e estilo, alentou os que, com iniludível talento, lhe enviavam produções literárias, varreu da arena das letras os imbecis, limpou de adventícios sem préstimo possível, os campos da poesia brasileira.

E quantos que ocupam hoje lugar distinto no Parnaso do Brasil, passaram pela retorta da Caixa de «O Malho», a secção instrutiva e hilariante da popularíssima revista, com 27 anos de existência, secção sempre gulosamente *devorada* pelos seus muitos milhares de leitores!

O comendador Pimenta de Melo Filho, director em chefe da S. A. «O Malho» inclina-se comovidamente diante dos restos mortaes do seu dedicado colaborador

José Lopes dos Reis era, além disso, o não menos apreciado Dr. Sabetudo do «Tico-tico», o homem misterioso que respondia à curiosidade insaciável da pequenada do Brasil nas colunas dessa graciosa e tão querida revista infantil, que já há 23 anos se publica — e, como diz Alvaro Moreyra no último número da «Para todos...», «lhes ensinava como um avô, os feitos dos herois e dos santos, os segredos da terra, os segredos do mar e os segredos do céu».

Como se isso não bastasse, José Lopes dos Reis respondia ainda a milhares de consultas de grafologia; e era o mais alegre, o mais comunicativo dos camaradas, tendo sempre uma fina anedocta para contar a propósito de qualquer caso.

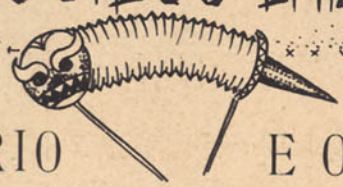
A Sociedade Anónima «O Malho», que ofereceé à cultura brasileira seis magníficos orgãos, perdeu agora um valioso e dedicadíssimo colaborador, e o Brasil um encantador espírito a quem a grande nação ficou devendo inestimáveis serviços: profícua e tenaz colaboração na instrução de duas gerações de adultos e de crianças, a saude moral incidindo na saude física da enorme soma de leitores que ansiosamente aguardam, tôdas as semanas, o aparecimento de «O Malho» e o «Tico-tico», modelos de bom senso, de graça inofensiva e de patriotismo.

Outrem virá substituir o grande batalhador que fica na história jornalista do Brasil com os inolvidáveis pseudónimos de Dr. Cabuhy Pitanga e Dr. Sabetudo. A «Ilustração», porém, que vai seguir de bem perto a vida intelectual brasileira, deseja fixar nas ligeiras palavras que aqui ficam, o vulto tão interessante e simpático dêste trabalhador, do jornalista tão fiel e tão amigo do seu labor que até para morrer escolheu o dia de descanso: um domingo!

ALCANTARA CARREIRA.

DRAGÕES DE PAPEL

CHINESICES ALEMÃS E CHINESICES CHINESAS



O CELESTE IMPÉRIO E O IMPÉRIO INFERNAL

Os alemães... Não se admirem que, a propósito de chineses, falemos dos alemães. Podia ser uma chinesice do cronista — mas não é. Os alemães, repetimos, com a sua inventiva maravilhosa, conseguem bater o *record* das falsificações. Falsificaram os diamantes, falsificaram as pérolas e os rubis, as esmeraldas e as safiras e tornaram as jóias deslumbrantes acessíveis a todos os bolsos. Presentemente, só não faz vista de rico quem não quere, porque um bom colar de pérolas scintilantes, que depois de dar muitas voltas ao pescoço ainda desce até aos joelhos, custa uma insignificante dúzia de escudos. Tudo porque os alemães, com uma massa barata, fabricam colares aos milhões e distribuém-nos às toneladas por êsse mundo sem fim.

Os alemães, um dia, lembraram-se de falsificar a arte chinesa, tão apreciada na Europa. Um pequeno *bibelot* chinês, daqueles que levam anos a modelar por asiáticos pacientes de mãos delicadas, custava a um europeu rios de dinheiro. Pequenas estatuetas rendilhadas em pedra rija e difícil de trabalhar ascendiam nos nossos mercados a quantias fabulosas. Os viandantes felizes que, aportando por acaso à China longínqua, se lembravam de trazer na sua mala meia dúzia dêsses objectos maravilhosos, ganhavam quanto queriam. E os alemães descobriram a maneira de, sem irem à China, facilitarem aos amadores da boa arte do Celeste Império objectos, senão iguais, pelo menos muito parecidos... e muito mais baratos.

Mas o comprador que, em regra, se orienta por sugestões, desconfiou da fartura e da modicidade. Acolheu as chinesices alemãs com um desdenhoso encolher de ombros e não as comprou. Então, os alemães importaram da China, não os objectos autênticos, mas autênticos chineses, e fizeram dêles os seus caixeiros viandantes que andam vendendo por êsse mundo — não sabemos se na própria China — os artigos chineses fabricados à máquina em qualquer oficina de Berlim ou de Hamburgo.

E o público ficou satisfeito. Embora não ignore que as chinesices que compra não são chinesas, sorri jubiloso porque são mãos amarelas que lhas entregam.

Por detraz de cada chino está um louro germano com uns óculos de aros de tartaruga encavalitados no nariz e um livro de escrita comercial aberto na conta de *Fazendas Gerais*.

Para Lisboa vieram há tempos alguns chineses miseráveis, pobretanos, vender bugigangas por conta da Alemanha. Mas Portugal que tem sido nêstes últimos anos castigado rudemente por uma crise económica que apavora a grande maioria dos portugueses, é, quási sempre, para êstes estrangeiros que aqui chegam de mãos vazias, um rico filão de ouro, fácil de explorar. Êsses chineses pobretanas, que andavam por aí, de botas rôtas e aspecto famélico, a vender maravilhosos colares de pérolas falsas, estão ricos; montaram oficina, com empregados portugueses, que gastam o seu dia a enfiar pérolas em cordões; casaram com raparigas lisboetas a quem dão pérolas autênticas e, pelo estio, permitem-se o luxo de veranear na Figueira da Foz e em outras praias dispendiosas.

Talvez porque constasse no Celeste Império — que a guerra civil transformou num Império Infernal — que a vida no nosso país estava boa para os chineses, algumas famílias meteram pernas a caminho e entraram em Lisboa com o coração cheio de esperanças e os estômagos vazios de alimento. Não trouxeram pérolas nem *bibelots* alemães para vender. Fizeram-se acompanhar apenas da sua ingenuidade, da sua asiática paciência e do seu engenho artístico, puramente chinês, genuinamente oriental. E com êstes elementos que não são falsificados, fabricaram por as suas próprias mãos, ali no Hotel Franco, onde acamparam, ventarolas policromas, umas, que se transformam caprichosamente ao geito da mão que as agita, outras, que se abrem em leque para ornamentar paredes; *abat-jours* de formas extravagantes; fingidos candieiros, rendilhados, que se abrem e fecham como *harmoniuns* e dragões de papel multicolor, de uma mobilidade de larva e olhos espantados que constituem o encanto da garotada.

Êstes objectos singelos são de autêntico engenho chinês; mas algumas dúzias dêles que mulheres amarelas, pés atrofiados, calças de homem e andar lento, vendem aí pelas esquinas, murmurando — «Muito balato, muito balato» — mal chegam para uma malga de arroz cosido sem sal, que nos seus quartos sórdidos, nauseabundos, devoram como feras famintas.

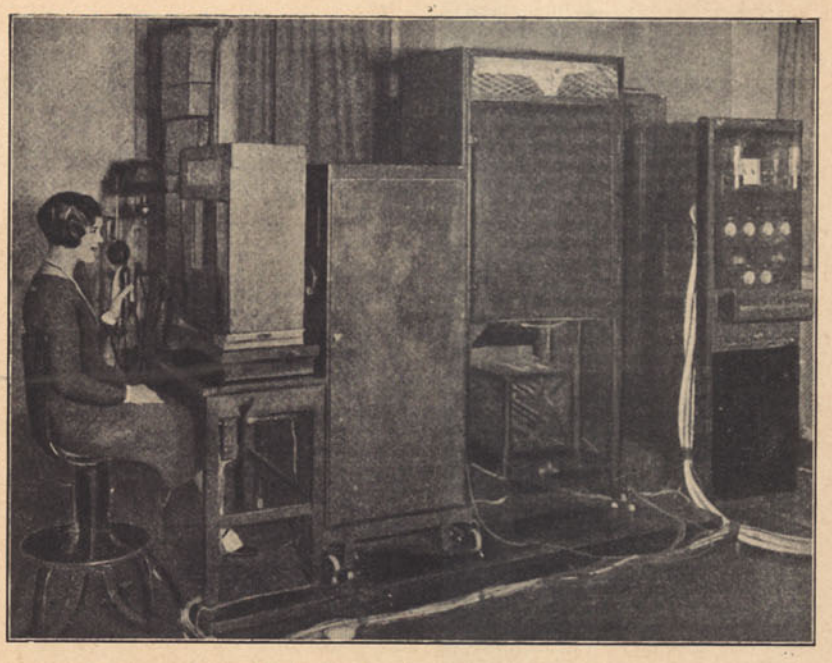
Tôda a família trabalha naqueles papelinhos de formas caprichosas. Durante a noite os maridos estendem no solo, umas sôbre outras, pegadas com uma massa branca, longas folhas de papel de várias côres berrantes, que comprimem sob um pesado cepo e recortam segundo um molde de sua lavra. As mulheres cosem alguns pontos em cada ventarola, colam os olhos ao terrível dragão, de olhar tão còmicamente expressivo. E de manhã, enquanto os filhos, bambinos esquisitos de olhos oblíquos nas facesitas amarelas, choram pelos corredores do hotel, cambaleando ao peso das suas cabeças enormes e rapadas, elas, as mães, descem lentamente, muito lentamente, porque o tamanho inverosímil dos pés não lhes permite pressas, a escadaria do quarto andar até à rua, e tentam, com a atracção duvidosa do seu sorriso amarelo, vender êstes papelitos insignificantes que ninguém aprecia e que são, afinal, o arroz de cada dia — que é o pão dos chineses.

Pobres chineses dos dragões de papel, dragões que não amedrontam, nem seduzem esta Europa de gôsto avariado que encontra maior encanto no que é falso do que na verdade indubitável! Pobres chineses famintos das autênticas chinesices que valem menos do que o papel pintado de milhões de marcos com que os alemães andaram comprando ouro pelo mundo! Pobres chinos que não tiveram a sorte de ser fabricados na Alemanha, como os colares de pérolas e os macaquinhos de pedra! Pobres dêles, coitados, a quem já não resta o recurso de tirar larvas de mosca dos olhos dos lisboetas! Bem mais felizes seriam se tivessem sido exportados de Leipzig, com um sinal mercantil nas costas: *made in Germany!*

MÁRIO DOMINGUES.

VIDA SCIENTÍFICA

A TELEVISÃO



Aparelho transmissor de teletonia e televisão

O anúncio de que era possível transmitir figuras, por meio de aparelhos eléctricos, como se podiam transmitir movimentos e sons, renovou nos povos a impressão de assombro que sentiram com o aparecimento do telégrafo eléctrico, mais tarde do telefone e por último da transmissão de movimentos ou sons sem fios eléctricos condutores. E no entanto, em princípio, desde que se transmitem os sons, não deve admirar que possa transmitir-se a luz, as várias intensidades de luz e, portanto, as imagens que a luz torna visíveis. Toda a importância da descoberta reside, pois na maneira prática de dar execução a êsses princípios.

Conseguiu-se já realizar cabalmente essa transmissão de imagens, se bem que em condições de custo que não permitem ainda emprêgo nas instalações a serviço público.

Aparelho receptor. O operador vê a imagem da pessoa com quem fala num pequeno quadro rectangular de 7,cm 5 x 5 cm

Em Abril passado, a Companhia Bell demonstrou por aparelhos com fios condutores a 250 milhas de distância, e por aparelhos sem fios a 22 milhas, que se podia realizar a transmissão da imagem tanto em repouso como em movimento: Num aparelho receptor de Nova York, o correspondente de um operador de Washington via, num pequeno quadro, a pessoa que lhe falava e cujas palavras ouvia simultâneamente num aparelho comum de telefonia. E muitas pessoas, numa sala também de Nova York, viram projectada num *écran* a figura dum orador de Whippany, cujo discurso lhes era simultâneamente transmitido por meio de um *haut-parléur*. Tudo nos leva a acreditar que a progressiva simplificação dos aparelhos necessários permita, em bréve tempo, que o invento seja aplicado nas instalações a serviço do público.

Trata-se, a final, do seguinte: a imagem de um corpo forma-se na nossa retina, *écran* sensivel composto de muitissimos elementos, cada um dos quais se liga ao cérebro por sua fibra nervosa. A imagem é assim composta de muitissimos elementos cada um dos quais se forma com a intensidade luminosa que depende da iluminação dos elementos correspondentes do objecto contemplado. Se êste muda de posição, como nos movimentos que fazemos com os lábios ou dando expressão ao rôsto na ocasião de falar, não temos a impressão de sucessivas visões diferentes, mas a de visão contínua. Afirma-se que para a produção dessa visão contínua não deve o intervalo de tempo entre as imagens exceder $\frac{1}{16}$ do segundo.

Compreende-se iso melhor recordando uma vara acesa numa ponta a que se dá movimentos rápidos de vai-vem. Com suficiente rapidez vê-se uma fita contínua de luz que é a soma das sucessivas imagens produzidas.

Temos, portanto, que obter no sistêma de televisão uma série de imagens cujos intervalos não excedam $\frac{1}{16}$ do segundo. Mas, por outro lado, é necessário decompor o rôsto humano em pequenos quadrados elementares, de cada um dos quais será transmitida a imagem por corrente própria. Calculou-se que o número total dêsses elementos pode ser de 2.500. Portanto 2.500 elementos, cada um dêles dando imagens separadas por $\frac{1}{10}$ de segundo, representa a emissão de 40.000 correntes por segundo.

Para a decomposição em elementos utiliza-se um disco rotativo furado por pequenos orifícios quadrados. Um feixe de luz percorre assim rapidamente, em $\frac{1}{16}$ de segundo o rôsto do indivíduo transmissor, e passa a um aparelho denominado célula foto-electrica, onde o raio luminoso dá lugar à formação de uma corrente eléctrica cuja intensidade está em relação com a do raio de luz que originou. No aparelho receptor sucede o contrário: é a transformação da corrente eléctrica em raio luminoso de intensidade correspondente que irá impressionar uma chapa e poderá dar imagens projectadas num *écran* cinematográfico.

Não haverá talvez grande vantagens em contemplar o rôsto de quem nos fala, a não ser em casos de intensidade passional que não estão presentemente em moda. Mas seja qual fôr a aplicação futura do invento, não pode negar-se maravilhoso ao facto de ver e ouvir alguém de quem estejamos separados por distância de muitas léguas.

F. MIRA.

UM RIVAL DO CREADOR

Veiu-me às mãos o seguinte papel:

«Eis a factura que um santeiro apresentou, há tempos, dum concerto que fez na capela do Bom Jesus de Braga, factura que não é anedocta, mas que tem o mesmo sabôr:

Por corrigir os dez mandamentos, embelezar o Poncio Pilatos e mudar as fitas.	1$70
Um rabo novo para o galo de S. Pedro e pintar-lhe a crista	$80
Dourar e pôr pênas na asa esquerda do Anjo da Guarda	1$23
Lavar o criado ao Sumo Sacerdote e pintar-lhe as suiças	1$00
Tirar as nódoas ao filho de Tobias	2$00

Uns brincos novos para a filha de Abrahão	$93
Avivar as chamas do Inferno, pôr o rabo ao diabo, fazer vários concertos aos condenados	2$00
Renovar o céu, arranjar as estrêlas e limpar a lua	1$53
Retocar o purgatório e pôr-lhe almas novas	1$00
Compôr o fato e a cabeleira de Herodes	1$00
Meter uma pedra na funda de David, engrossar a cabeleira de Tobias e alargar as pernas de Saul	1$32
Adornar a arca de Noé, compôr a burrica do filho pródigo e limpar-lhe a orelha esquerda	$66

*

Nos meus tempos de criança, na minha idade de ouro, quando me falavam do céu, do Pai do céu, da côrte do céu, do castigo do céu, eu imaginava uma vaga repartição longínqua, uma espécie de Bôa-Hora fantástica onde se julgavam os destinos dos homens.

Hoje, ante as linhas dactilografadas desta fôlha de papel, duvido se essa minha concepção não é ainda verdadeira e chego a atribuir a uma miopia incompreensivel o facto de não distinguir na sua deserta lividez o timbre dêsse omnipotente tribunal.

Na verdade, a nota que mostrei é como que um projecto de orçamento de obras a realizar para qualquer importante recepção na côrte do Senhor; Talvez do Cristo, cançado de nova peregrinação por êste vale de lágrimas.

Mas não: essas linhas não são, como julgo, dimanadas duma distante Repartição do Além.

São apenas a factura dum santeiro de Braga!

*

Oh, a ingenuidade do artista genial!

Como um pobre santeiro, ignorado numa viela escusa da cidade dos arcebispos, rivalisa com o Deus Todo-Poderoso, criador do Céu e da Terra, a ponto de lhe modificar e renovar a obra!

A criação, de tanto uso, está já deteriorada; e êste pobre santeiro ombreia na sua ingenuidade com a Graça Divina de Jesus.

*

Analisemos as diversas parcelas da factura:

«Por corrigir os dez mandamentos, embelezar o Poncio Pilatos...»

A humanidade anda, de facto, afastada dos mandamentos divinos: mas quem diria a Moisés no alto do Sinai, ao receber a Táboa da Lei das mãos do Criador, ao fim da sua peregrinação através a lanura do deserto; quem diria ao Cristo ensinando os mandamentos de Deus e por êles morrendo numa cruz, que, séculos volvidos, um ignorado pobre homem de Braga, os havia de corrigir sem atentar sequer na grandeza da obra que arrostava?!

«...Embelezar o Poncio Pilatos..»

Êste santeiro é bem um adivinho. É de pasmar o seu conhecimento do coração do homem. Todos nós o que sômos senão como êsse procurador romano que deixava crucificar Jesus lavando as suas mãos numa bacia de ouro?

Embelezá-lo é torná-lo mais atraente ao nosso espirito, é incitar-nos a seguir o seu exemplo. É uma obra satanica mas duma verdade absoluta, absolutamente conforme com a nossa parcela demoniaca.

«Dourar e pôr pênas na asa esquerda do anjo da Guarda».

Pobre anjo depenado de tanto arrostar com os ventos da miseria humana!

«Lavar o criado ao Sumo Sacerdote e pintar-lhe as suiças».

O que há de caricatural e ao mesmo tempo de verdadeiro nesta legenda!

É como que uma sátira de Junqueiro.

«Tirar as nódoas ao filho de Tobias».

Nódoas de humidade numa téla... A bondade lendaria dêsse moço deformada pelo tempo... Nódoas que tornariam impossivel a renovação do milagre, essa esmola de luz aos olhos que a não tinham...

«Uns brincos novos para a filha de Abrahão».

«Eu, pois, lhe pendurei nas orelhas umas arrecadas para adorno de seu rôsto...» (Genesis XXIV-47).

O santeiro de Braga e os profetas da Biblia. Entre êles medeia um abismo de tempo mas o mesmo gesto os irmana. O ouro das arrecadas estava gasto; Rebecca não as usou impunemente durante a eternidade biblica.

«Avivar as chamas do Inferno, pôr o rabo ao Diabo, fazer vários concertos aos condenados».

Aqui o ingénuo santeiro atinge as proporções da tragédia dantesca. O Inferno que Dante entreviu era apenas um Inferno apagado. Avivadas as suas chamas, o que será de nós?

«...Pôr o rabo ao Diabo...»

É o Carnaval dos Deuses; é mascarar com a verdade o Deus que andava disfarçado entre os humanos.

«...Fazer vários concertos aos condenados...»

Pobres corpos estropiados na sua queda das alturas da luz aos plutonicos abismos!

«Renovar o céu, arranjar as estrêlas e limpar a lua».

É a criação caíndo em ruinas e por uns magros 18 tostões impedir que ela regresse ao cáos!

«Retocar o purgatorio e pôr-lhe almas novas».

O santeiro substituiu aqui o proprio Criador. Rezemos por essas almas condenadas de fresco, pobres mártires dêste Deus inconsciente.

«Meter uma pedra na funda de David».

«E meteu a sua mão no surrão e tirou uma pedra e arrojou com a funda, e dando-lhe volta feriu ao Philistheu na testa: e a pedra se encravou na sua testa e êle caíu com o rôsto em terra» (I Reis XVII-49).

Que novo gigante esta outra pedra irá matar?

«Adornar a Arca de Noé, compôr a burrica do filho pródigo e limpar-lhe a orelha esquerda».

O que há de ternura e a um tempo de irrisório nêstes últimos retóques!

Adornar a Arca de Noé para um novo diluvio... Compôr a burrica do filho pródigo exausta da jornada através os séculos da Biblia...

Eis a factura do santeiro de Braga, êsse rival do Criador!

*

Olho agora o total da factura: dezaseis mil quatrocentos e setenta réis.

Corrigir os dez mandamentos, dourar as pênas do Anjo da Guarda, avivar as chamas do Inferno, renovar o céu, arranjar as estrêlas, pôr almas novas no Purgatorio; enfim, remodelar e aperfeiçoar a Criação, por 16.740.

Seis e um: sete, e quatro: onze, noves fóra: dois, e sete: nove: nada... Nada!

A. P. A.

CORÉGRAFIA

HUMORISMO NA DANÇA

comoções de tristeza ou de alegria, de amor, de ódio, de ternura ou de dó; o teatro tem ganho bastante com a valiosa colaboração das danças e dos bailados, incluíndo os de carácter humoristico.

É no teatro leve das variedades, de revista e de comédia musicada; de mágica, de «vaudeville» e de opereta, que a dança humoristica tem sido mais cultivada, tendo-se tornado notáveis as realizações dos grandes produtores ingleses e americanos de espectáculos populares, tais como Cochran e Ziegfeld.

O público que em geral procura, no teatro, lenitivo para as suas dôres, alívio para as suas preocupações, repouso e distracção compensadores da fadiga que a vida contemporânea lhe causa, quere rir, quere divertir-se. E o espectáculo teatral reproduzindo caricaturalmente aspectos da Vida, fornece-lhe meios de desopilar e esquecer as amarguras da existencia. Ora essa caricatura que no teatro muito se evidencia pelas situações e pelas palavras, revela-se superiormente pelas fórmas e pelos movimentos.

Até há poucos anos, o cómico era dado brilhantemente, no palco, pela declamação e pela mímica. Mas a arte coregráfica, restituida novamente à fase expressiva, alcançou sôbre todos os outros processos de exteriorização, manifesta superioridade.

A fórma e o movimento, factores que mais contribuem para sugerir o sentido do cómico, fazem parte integrante da dança, tomando aspectos sempre novos, pela acção da vontade do artista sôbre o seu proprio corpo.

A representação que emprega as fórmas plásticas, tem sôbre a da palavra a grande vantagem de ser mais rápida e imediatamente sugestiva. Em relação às artes do desenho, a dança apresenta superioridade, patenteando mais decisivamente a caricatura, por conter movimento e, portanto, aspectos mais numerosos, e ainda sôbre a mímica por se desenvolver dentro de fórmas plásticas.

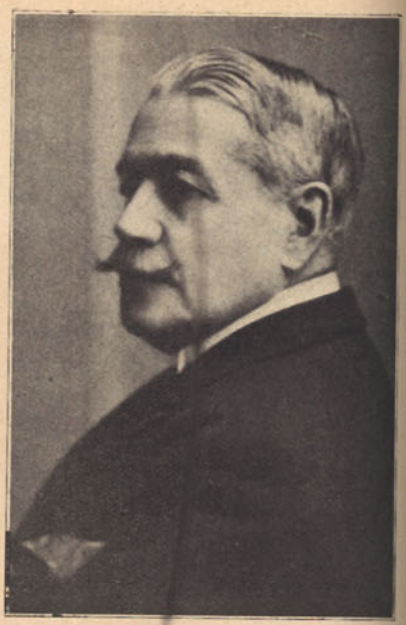
Por tôdas estas razões e por que os cultores da arte coregráfica empenhados no seu renascimento, se esforçam por levar ao campo das realizações as teorias que teem atribuído à dança o seu elevado valôr, é já hoje extensa a produção coregráfica de carácter humoristico, desde os números burlescos da família Rooney até às satíricas interpretações de clássicos, pelo jóven bailarino alemão Von Grona.

L. R. S.

Livre e senhora dum vastíssimo campo de acção que comporta os mais variados sentimentos da alma humana, a arte coregráfica tem sido posta ao serviço do humorismo, nos últimos anos, fase esta que constitui uma das mais interessantes modalidades da arte expressiva por excelência.

E o teatro que reclama aspectos novos e novas interpretações da vida, coados através de temperamentos dramaticos ou cómicos, que, na sua dupla missão de educar e divertir, nos coloca em face de estados de alma, de situações ou de acções a que o desempenho do artista e o conceito do público fazem o comentário optimista ou pessimista, determinando

SAÜDADES DE JOÃO CHAGAS



O último retrato

Na terça-feira passada, 31 de Janeiro, ao fim da tarde, fui ao Alto de S. João para estar ainda uns instantes com o meu amigo João Chagas, que ali tem a sua última morada. Encontrei-o só, estivemos sós, e durante muito tempo não trocámos duas palavras. De certo o meu silêncio não lhe causou surpreza, porque me foi sempre hábito, estando em sua companhia, ouvi-lo e calar-me. Este hábito implicava, invariavelmente, um outro, que o seu convivio me dera: o hábito de reflectir. De tantos favôres que lhe devi não foi êste um dos menores.

Não. Não era isto o que eu queria dizer: disse-o sem reflectir. O que eu queria dizer, e digo, é que êsse favôr foi um dos muitos que lhe devi — e esta é que é a maneira exacta de dizer, porque os favôres de um grande espírito são sempre grandes, e nenhuns menores que os outros. Mas o seu silêncio é que muito me impressionou, porque estar com João Chagas e não poder mais ouvir a sua palavra, o timbre da sua voz, a articulada expressão do seu pensamento, era o renunciar a uma das supremas régalias do espírito. Estava linda a tarde, o céo sem uma nuvem, a atmosféra dôcemente temperada, um leve sorriso de bem-estar na face calma e fresca da natureza, eternamente rejuvenescida. Era o último dia de Janeiro, e como que se sentia essa palpitação serena de uma nova esperança que se nos compassa na alma ao sôpro tépido de um primeiro dia de primavera. Havia um vago perfume de flor e de terra orvalhada.

Envolvida por tanta e tão benéfica condição de segurança, de paz no esquecimento, de imperturbavel isolamento na melancolia e na saüdade, a morte era, entre aquêles muros de cemitério, a resignada prisioneira da vida. E eu imaginei que ainda uma vez não seria desagradavel ao meu Amigo oferecer ao seu braço o apoio do meu, e pedir-lhe que déssemos uma volta, à semelhança do que tantas vezes fizemos no passado, quando a sua sempre activa curiosidade e os seus passos sempre léstos o levavam, não áquilo que para outros se chama espairecimento, mas ao que para êle era, incessantemente, a determinação objectiva, a constatação dos indícios e dos factos. Foi a sua sombra que aquiesceu ao meu convite, e então vagueámos.

— «Espero, disse-me ela, levantando-se e começando a caminhar ao meu lado, que você não revele, pelo júbilo da sua face, a satisfação que me diz ter em dar ainda êste passeio comigo. Eu bem sei que nunca a confiança que em si tive desmereceu da prova que por ela gostosamente lhe dei da minha amisade; mas uma vez é a primeira; e você, amigo certo, não subtrai, porque não pode, a sua condição de quebradiço sêr humano ao mando imperioso das vontades ignoradas que influem sôbre a sua vontade própria, que eu de resto muito bem conheço e sei ser de estimável têmpera.

Outros segredos meus lhe dei a guardar e persisto em crêr que consigo os leve, honestamente, para a cova. Alguns seus guardo também. Nisto há discreção, asseio de almas e reciprocidade. Mas o mistério do nosso passeio dêste fim de tarde tem de ficar o mais impenetravel e o mais profundo, porque o corpo de que eu sou a sombra foi morto pelo tédio, e o espírito que o animou opõe-se ferozmente a que alguém, entre as criaturas enfadonhas que o suprimiram pela fôrça irresistivel do seu enfado, única, de resto, a que êle teve de submeter-se, possa sequer supôr que é a sombra dêle que aqui vai pelo braço de você. Seja, pois, circunspecto e inviolavelmente secreto. Mostre-se indiferente ao privilégio único que lhe proporciono dêste fugaz devaneio. Que a compostura do seu semblante e a serenidade da sua atitude não permitam a algum transeunte importuno, por ventura afeiçoado às chamadas sciências ocultas, a suspeita de que você é o «médium» simpático de quem me foi grato aproximar-me. Posto isto, marchemos. Mas não aqui, que é tristissimo, e, de resto,

Como elle era quando foi proclamada a Republica

você ainda não pode cá ficar depois do toque da sineta que manda saír os vivos. Não o felicito por isso, mas é assim. Olhe, sabe para onde nós vamos? Para o Passado. Sempre é mais alegre. Estaremos mais à vontade. Isto aqui é a Eternidade, e é medonho. Um cemitério é o cartório de um tribunal atulhado de processos a que se puzeram pedras em cima. O que está escrito sôbre muitas dessas pedras são anotações que tendem a desviar a atenção dos curiosos das culpas de que está cheio o cartório; e são essas culpas que, uma vez assim arrumadas, recebem a designação de virtudes. Como remate de ludibrios, êste é perfeito».

À semelhança daquêles que encheram bem o seu dia, tendo nêle feito com pontualidade e consolo aquilo que tinham para fazer, descemos então, com alívio e descanço, a ridente colina que os ciprestes encimam. Outra vez a Cidade nos convidava e nos tinha. Na imobilidade das suas sombras fômos sombras vagueando. Nela procurámos e achámos os lugares onde a nossa juventude se detivera alguns instantes e deixára nêles um traço de saüdade.. Nela reconstituimos, com o gôsto grato da evocação e o auxílio ainda solícito das datas já quási apagadas, momentos que foram alguns dos mais felizes que a vida nos tinha preparado e oferecido. E se, ao chegarmos a pontos onde a derruição e a transformação tinham tornado perdidos os passos que déramos para lá chegar em busca de outros frémitos do passado, valia-nos a saüdade, que é a redentora eterna de quanto a memória deixa fugir e perder-se.

Revimos e recompuzémos num enternecido fundo de reminiscências tudo o que havia de bem interessante e bem de molde a nos deixar saüdades, naquela casa da redacção do *Tempo*, onde se estabelecera entre nós o primeiro contacto de camaradagem e amizade, e onde Carlos Valbom reünia no convívio mais afectuoso um grupo de jornalistas dispostos a trabalharem com êle na factura amorável de um jornal que foi, com o *Repórter* que Oliveira Martins dirigiu, a mais bem feita folha diária de Lisboa, sendo

Nos primeiros tempos da sua missão em Paris

Carlos Valbom e João Chagas que lhe imprimiam êsse cunho de fina singularidade que ela teve e de que ficou memória. A redacção era nas visinhanças do Hôtel Bragança e os *Vencidos da Vida*, que lá tinham os seus habituais jantares, costumavam invadir-nos a casa ao levantarem-se da mesa, enchendo-nos as salas com o alarido confuso da sua conversação, que o *champagne* espiritualizava e risonhamente requintava.

Umas vezes era Oliveira Martins, desconcertado na sua grave linha de meditada sobriedade, que nos entrava pela redacção de chapéu para a nuca e as mãos nas ilhargas, nos arrancos de uma convulsão de riso tão comunicativo, que todos nós, de tanto rir, acabavamos por chorar.

— «Deixem-no rir!» dizia Ramalho Ortigão, empertigado como nunca o viramos, procurando pacientemente acender um charuto com um fósforo que não chegára a riscar. E saboreando baforadas de um fumo que só êle via enovelar-se-lhe diante do nariz, ponderava: — «O riso é uma filosofia... Muitas vezes o riso é uma salvação!»

Outras vezes era Eça de Queirós, desengonçando-se em pequenos pulos, dando volta à sala onde escreviamos, vindo de mesa em mesa apresentar a cada um de nós os seus «mais respeitosos cumprimentos», tratando por «vossa excelência» e preguntando com voz aflautada pela esposa e os meninos ao paladino do celibato que era Alberto Braga. Depois, ao fim desta esturdia, pedia a um de nós o logar para escrever a notícia do banquete; mas a meio da segunda linha escrita suspendia a pena e declarava peremptóriamente não se lembrar já do que lá se passára, nem do que se comera, e ia adormecer num sofá, soluçando e implorando do Conde de Ficalho a conclusão da notícia. Ficalho, por sua vez desmemoriado miserrimamente, como êle dizia, recorria à memória, incomparavelmente pronta, de António Cândido; mas mesmo êsse apenas se recordava, de um modo muito incerto e vago, de que houvera perdizes. Só Carlos de Lima Maier parecia convencido de que haviam sido devoradas duas lagôstas opiparas. Guerra Junqueiro, sacudido do recolhimento meditativo a que se entregára no fundo de um enorme *fauteuil* de coiro rubro, como um diabo adunco enovelado entre labaredas, de súbito, e enfurecido porque lhe tinham estragado um verso que estava acabando de compôr, exclamava: — «Eu sei lá se houve *champagne!* Talvez houvesse... Mas não posso afirmar...» Carlos Valbom, porém, que se sentára sôbre as pernas cruzadas na mesa dos jornais, e procurava com tenacidade no *Diário do Govêrno* a secção do «Hig-life», afirmando sempre essa madureza com que raciocinava e resolvia nos lances mais complicados, ordenava a quem recompunha o menú extraviado: — «Na incerteza de ter havido *champagne*, ponha no fim da notícia: Consta-nos que houve *champagne!*»

Foi no meio dessa convivencia de belos espiritos reünidos sob a mesma legenda irónica de *Vencidos da Vida*, engrossada a miudo pela confraternização de outros como Emidio Navarro e Barbosa Colen, que João Chagas, trazido por Valbom da imprensa do Porto para a de Lisboa, impôs ao reparo atento de quantos começavam a ouvir o que êle dizia e a lêr o que escrevia a sua pena, a robustez donairosa do seu intelecto, logo tido como único também entre os de muitas outras gerações passadas e vindouras. Tantos eram os dons de discernir, as prestezas e graças da expressão, as acuidades de pressentimento, as faculdades de definir e estabelecer, e tão farto e luzido o arsenal dos seus petrechos de acção: o verbo e a escrita, a presença e o gesto, o garbo e o denodo.

Tudo quanto, com o frescôr da juventude, a vida nos entrega em dádivas generosas e nos deixa entrevêr em caricioSas promessas, tudo êle dela recebia com prodigalidade. Agilissimo e impetuoso, e dispondo, com o golpe de vista tão retilineo e penetrante como o raio de sol que passa numa fresta e fende a treva e a dissipa, Chagas, moço e belo, robusto e fremente, ressuscitava o donaire e primor forte dos discobolos helénos. As suas frases eram os seus discos. Um dia viria em que seriam os golpes irresistíveis do seu gládio de sempre afiados gumes.

Disputavam-no então o espírito dos raros homens de espírito dêsse tempo e a graça das bem menos raras mulheres que para êle enchiam os seus açafates de flôres. Para trazermos a estas recordações tôda a prosaica veracidade que irá mais de feição com as possibilidades de compreender da época nova-rica que é a de hoje, digamos que João Chagas conheceu a êsse tempo o gôsto de auferir, pelo lépido correr da sua pena sôbre as resmas de papel cortadas em tiras que incessantemente lhe eram acarretadas e postas sôbre as várias mesas, a que se sentava e escrevia, de dia para jornais da noite, de noite para jornais da manhã, as somas máximas, o máximo ouro que ainda nenhum outro homem de letras embolsára em Portugal a troco de ideias, de conceitos e razões. Digamos ainda, para dar ao caso tôda uma outra importância, esta de ordem poderosamente afectiva mas também inefavelmente palpavel, que Chagas tinha de repartir-sê, o que realizava por admirável modo, entre as solicitações dos seus leitores que o devoravam com assiduidade e as das suas adoradoras que pretendiam devorá-lo com beijos.

Pois foi desta tremenda, desdobrada e retumbante ventura que êle abalou um dia, sem uma palavra, sem um ruído de passos, sem um adeus, deixando quantos o amavam

Um instantâneo no limiar da Sociedade das Nações

desprovidos do mais leve indício do que ia fazer, do fim que levava. Conjecturas as mais desencontradas e desarrasoadas pairaram sôbre o mistério daquela evasão, que parecia dever ficar inexplicável. Os que queriam encontrar o pêso das razões que assim o tinham movido, avaliando-o pelo pêso do oiro que êle abandonava em libras, queriam

que meramente se tratasse de um acto de loucura; os que preferiam atribuir o repente a dislates do amor, diziam que fôra um desapontamento. Pobres cabeças, almas ainda mais pobres, por nenhuma delas passara um vislumbre da realidade: o que nos arrebatara João Chagas fôra a sua abnegação.

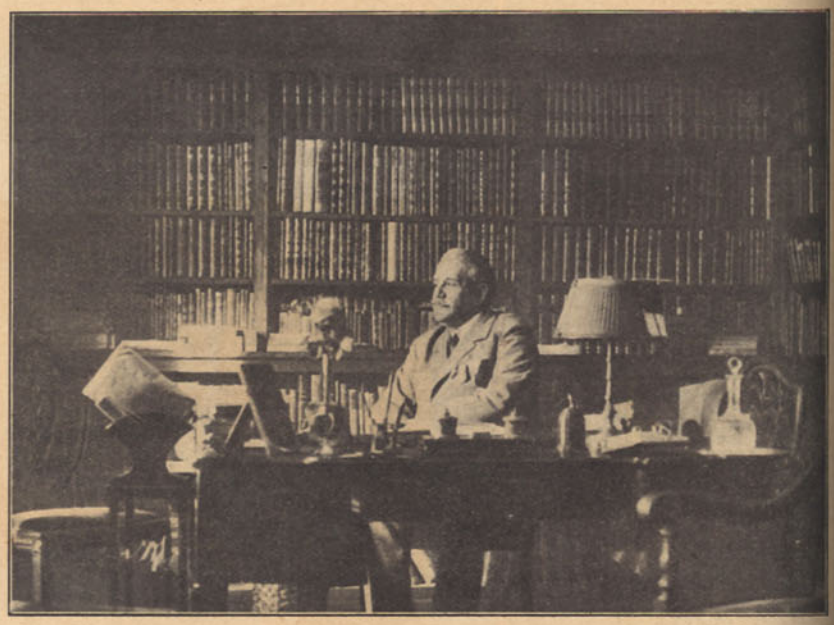
A alvorada do 31 de Janeiro rompia pouco depois sôbre o último dia dessa juventude engrinaldada de graças que êle tão galhardamente ostentara e tornara amada. E então, com precipitação e agrura, a vida exigiu das suas fôrças e capacidades tudo quanto fôsse prova rude e violenta.

Nunca a elegância do espírito fôra assim submetida à provação da grosseria dos homens. A polícia correccional e o conselho de guerra; o cárcere privado e o presídio; a incomunicabilidade e o degrêdo; o esconderijo e o exílio; o gabinete negro e a prancha; o porão do vaso de guerra e a algema foram-lhe familiares. Houve um momento em que nas duas casas do Parlamento se não fazia outra coisa, trabalhando-se até em sessões nocturnas, senão leis de imprensa para pôr côbro às suas diatribes, ao mesmo tempo que se multiplicaram ferozmente os agentes da segurança pública para correrem atrás dos garotos que apregoavam os seus jornais. Comissários de polícia, desaçaimados, eram investidos na exclusiva missão de o perseguirem, como bull-dogs; e para mais ràpidamente lhe instaurar os processos, que sobressaltavam as magistraturas de tôdas as instâncias, e traziam num corropio a numerosa multidão do pessoal da Justiça — açodados beleguins, juizes espavoridos, iracundos representantes do Ministério Público, jovens ajudantes do Procurador Geral da Corôa com delíquios — criara-se o Juizo de Instrução, desdobrado numa frondosa ramificação da Preventiva. Por tôda a parte para que êle se voltasse, a sua sombra era um bufo!

João Chagas, sorrindo à fortuna como ao infortunio, corria todos os riscos com uma presença de espírito que mais parecia uma confiança supersticiosa nos seus destinos. Dir-se-ia que, quando infringia a Lei ainda a mais intolerante e incorria na pena ainda a mais severa, o fazia sempre de braço dado com a sua boa fada, que ou lhe procuraria a amnistia, ou, no pior dos casos, iria pendurar à janela da sua prisão a escada de corda por onde êle poderia evadir-se. Andando sempre como andam as chamadas ideas avançadas contornadas em formas de bom e de mau gôsto, Chagas entregara-se de corpo e alma ao activar a circulação daquelas que se apresentavam sob formas de bom-gôsto. Republicano incontroverso, nunca êle daria, todavia, aos seus adversários o prazer de o verem dar o nó a uma gravata encarnada; e, ao sentar-se ao piano, preferia dedilhar Chopin a invocar Roger de Lisle. Carbonário janota, êle fornecia-se simultâneamente do armeiro Browning e do camiseiro Pita. O rancor votado aos poderes constituidos, a que por êsse tempo tantos dos seus cúmplices nas subversões tresandavam, era uma coisa de que êle só deitava no lenço algumas gotas, misturada com a água de Colónia. E nunca, por princípio algum e em nenhuma circunstância, êle consentiria em trocar pelo barrete frígio o seu chapéu de côco de Christys.

Quando foi do 31 de Janeiro

A fluência e o fulgor da sua palavra, quer escrevesse, quer discursasse ou meramente cavaqueasse, eram-lhe predicado irresistível de sedução na propaganda política. O artigo de jornal, a carta aberta, o manifesto, êle não os aproveitaria melhor que o momento breve da sobremesa ou o encontro fortuito na encruzilhada de duas ruas para nos presentear com algumas mãos cheias de ponderosas razões sociais. O perigo que o regime, a cujo total e retumbante esboroamento se dedicara a sua actividade inconcebível, baldadamente procurava reduzir, consistia sobretudo no seu poder sereno de arrebatar. Com aquela mecha de cabelo branco que o vento lhe sacudia no tope da fronte, entre a fartura da cabeleira negra, como um sinal de sisudez provecta, êle ateava o fogo da revolta solapado nos ânimos. E a sua prosa, revesando-se da crónica para o panfleto, e do tomo de bom-humor para o livro de combate, era todo um refulgente arsenal de guerra, em que às armas e petrechos se entrelaçavam os festões, e as munições se empilhavam entre montões de flôres. Dela se desprendia o cheiro da pólvora e a fragrância dos cravos e das rosas.



Fatigado do convivio dos homens, podia enfim repousar no convivio dos livros

Houve então uma hora em que a Pátria, como a criatura apaixonada que nos entrega o coração, deixou que sôbre ela êle exercesse tôda a influência, misteriosa de seduções e predestinados fluidos, da sua convicção, do seu desassombro, da sua hombridade cívica. Apertando-lhe os pulsos, embebendo-lhe no olhar amortecido o seu olhar ardente, electrizando-a, fazendo-a estremecer em tôdas as fibras, êle sugeriu-lhe o acto heroico. E o acto heroico deu-se. Num sentido de redenção, como êle queria? Não. Deploràvelmente não. Todo aquele ardor resultava numa misérrima convulsão de chôro. Chagas, prègador de energias, achava-se em presença de uma desgraçada em soluços.

Nesta altura das recordações por onde eu fôra imprudentemente enveredando, deteve-se a sombra e disse-me:

— «Amigo, não lhe ocultarei a surpreza que me está causando a importuna actividade da sua memória. Ela me conduziu, afinal, por um trajecto que não era aquele por onde eu lhe manifestara o desejo de enveredar. Falei-lhe do Passado, no que dêle restasse de alegria, e você, meu compatriota impenitente e subreptício, não soube resistir à tentação de me conduzir por sendas de tristeza que, ao contrário, me deveria ter evitado com delicadeza e precaução solícita. Não lhe digo isto para o afligir. Os portugueses foram sempre assim: as melhores intenções, os peores erros. Eu, que afinal sempre sou a sombra de um bom português, desculpo o seu êrro, e, como bom português, agradeço a sua boa intenção! Adeus.»

Assim das almas generosas é generosa a sombra.

ALFREDO DE MESQUITA.

Paris, Fevereiro 1928.

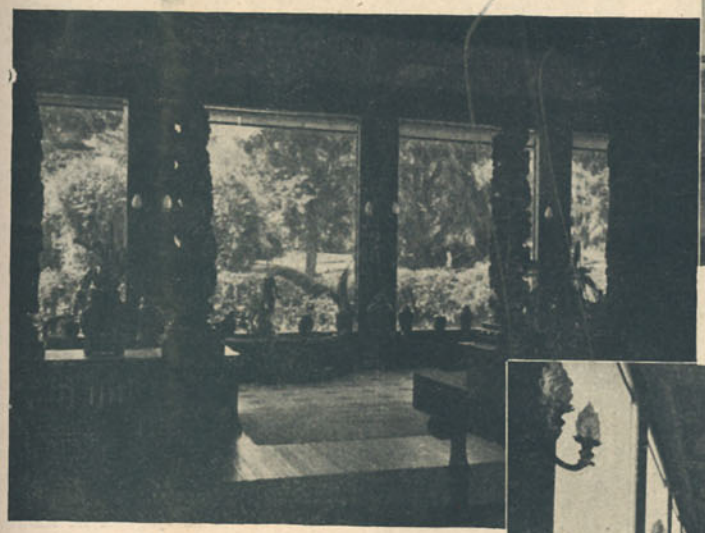
LEITÃO DE BARROS—Scena de interior

A CASA PORTUGUESA

PALÁCIO DOS SRS. CONDES DE BURNAY

LISBOA

NÃO OBSTANTE O SEU ASPECTO MODERNO, TEM JÁ LONGA HISTÓRIA ÊSTE PALÁCIO MANDADO CONSTRUIR EM 1734 PELO PRINCIPAL CESAR, IRMÃO DO 1.º CONDE DE SABUGOSA. HABITARAM-NO VÁRIOS PATRIARCAS, O MARQUÊS DE SÁ



DA BANDEIRA E O INFANTE D. SEBASTIÃO. EM 1818 FOI AQUI INSTALADO UM SEMINÁRIO, COLÉGIO DE S. JOÃO BAPTISTA, PELO PADRE FERNANDO DSCHERNAY. TAMBÉM FOI PROPRIEDADE DO GRANDE CAPITALISTA MANUEL PINTO DA FONSECA — O «MONTE CRISTO» —, EM 1874

FOI O PALÁCIO COMPRADO PELO DUQUE DE ABRANTES Y LIÑARES E, FINALMENTE, EM 1882 ERA ADQUIRIDO PELO FALECIDO SR. CONDE DE BURNAY

ESTA CONSTRUÇÃO PERDEU EXTERNAMENTE O CARACTER ANTIGO QUANDO O SEU PROPRIETÁRIO MANUEL PINTO DA FONSECA ALI PROCEDEU A GRANDES OBRAS, DESTRUINDO POR ESSA OCASIÃO AS COBERTURAS PONTEAGUDAS DOS QUATRO PAVILHÕES. HOJE É NOTABILÍSSIMO O SEU ESPLÊNDIDO RECHEIO TODO CONSTITUIDO POR MAGNÍFICOS MOBILIÁRIOS E ADORNOS DO MAIS ALTO VALOR. POR ÊSTES E PELA DISPOSIÇÃO DAS SUAS SALAS, É ÊSTE PALÁCIO UMA DAS MAIS SUNTUOSAS VIVENDAS DA CAPITAL. DAMOS HOJE ASPECTOS DA ESCADA NOBRE E DA GALERIA ONDE, ATRAVÉS DE ENORMES CHAPAS DE CRISTAL, SE FICA DESLUMBRADO COM A VISTA DO EXTENSO PARQUE

CINEMATOGRAFIA

A cinematografia moderna atravessa agora um periodo semelhante ao que o romance e depois o teatro atravessaram. Apesar da perseverança com que alguns gritam que um filme precisa sempre, básicamente, de um bom e sólido argumento, verdade esta que os americanos aceitaram em absoluto, os realizadores mais interessantes da Europa, se não se voltam deliberadamente para o cinema puro, para o cinema em que há apenas sinfonias de imágens ou de luz, adoptam processos de elaborar os scenários que se aproximam muito de monografia, ou ainda mais, da biografia ilustrada por imagens animadas. Por isso entram de passar pela téla branca, em França, na Alemanha e na Itália, Joana d'Arc e Napoleão, Frederico, o Grande, e Bismarck, Beatriz Cenci e Cavour e Garibaldi. Os grandes vultos históricos ganham assim corpo e como que uma nova vida, estabelecendo-se uma nova modalidade da cinematografia, por certo uma das mais uteis. Com reconstituições honestas, inteligentes, da vida dos grandes vultos da história, escreve-se em imagens, ressuscitando-a, a história do mundo que só conhecíamos pelas áridas descrições dos compêndios e da lenga-lenga escolar dos «factos mais notáveis».

Nem só as figuras da guerra e da política, porém, seduzem os cinegrafistas. Também os artistas grandes, muito grandes, são reanimados às luzes dos spotlights pelo génio do sinfonisador de luzes, do pintor sublime que pode ser um grande realizador cinegráfico.

Os musicos, os grandes génios da musica, principalmente, fornecem, na hora presente, têma para belos e sentidos filmes.

A Alemanha ergueu a vida de Mozart e a tragédia do mestre de Bonn com grande poder evocativo e um profundo respeito pela verdade. Cabe agora à França, por intermedio dum dos seus mais extraordinários realizadores, Henri Roussell, de ressuscitar essa maravilhosa figura romântica, êsse poeta formidável, sensibilidade musical a mais alta, que se chamou Frederico Chopin.

O novelista do «Jogador de Xadrês» e de «O Milágre dos Lobos», o já cotadissimo Henri Dupuy Mazuel, compôs, com o seu habitual escrúpulo, uma novela

Frederico Chopin compunha as suas obras primas...

O amor nascera pela sua companheira de folguedos infantis...

George Sand enleou-o nas suas redes de sedução...

No parque delicioso desenhava-se a figurinha delicada...

«A valsa do Adeus», que traça um episodio marcante da vida do maravilhoso musico.

Frederico Chopin, filho dum francês que exercia o professorado no palácio dum nobre, na Polónia, alcança, aos dez anos de idade, a admiração de todos pelo seu precóce talento musical. Outra criança, a filha dos nobres Wodzinski, cresce na admiração, no amôr pelo seu companheiro de infância que a mocidade levou a Paris, onde o triunfo o espera. Enquanto a linda flôr da Polónia, no seu país mártir, sofre por êle e por êle repudia o noivo, um herói da independência da Polónia, que seus pais lhe destinam, Frederico Chopin, já famoso compositor, conhece George Sand, a grande escritora e grande amorosa, então no auge da celebridade e no apogéu da sua capitosa formosura. Um idílio intelectual seguido da loucura que a Sand inoculava em todos os homens de génio que compozeram a sua côrte de amor, chega aos ouvidos da linda filha dos condes Wodzinski. Desesperada, acéde ao casamento que os pais lhe propõem.

Frederico Chopin, sabedor daquela má nova, amando ainda e sempre a sua companheira de infância, corre à Polónia, chega a tempo de impedir o consórcio.

Mas o artista compreendeu que a sua amada não devia ligar a sua aristocrática alma ao romântico errante pelo mundo da arte e do sonho. E recalcando em si todo o amor e o ciume que o devoram, confirma à noiva sobressaltada o seu amor por George Sand. Desiludida por completo, Maria Wodzinska casa com o generoso herói que a ama, e Frederico Chopin compõe de improviso, na festa dos espomais, uma

George Sand a grande escritora, idolo de Paris...

página de musica ardente, desvairada, que é tôda a dôr da sua alma e do seu coração despedaçados e que êle chama «A valsa do Adeus». Anos depois, em 17 de Outubro de 1849, a alma inquieta, vagabunda e cansada do «Musico do Amôr» evolou-se, pedindo numa suprema saudade, que lhe cantassem baixinho aquela melodia inolvidavel composta para o casamento de Maria Wodzinska.

O filme maravilhoso que se executou sôbre esta novela foi interpretado pelo talentoso actor Pierre Blanchar e é um dos mais belos filmes do ano que corre. Foi com êle que se inaugurou há pouco em Paris a nova Sala Pleyel, dedicada à cinematografia de «élite» e à música. Nesta apresentação colaborou o grande virtuose Walter Rummel.

A morte de Chopin

FEMININA

SE a simplicidade na moda é sempre lei de acatar, a excentricidade de bom gôsto é também deliciosa quando o encanto a salva do possível ridículo a que estão sujeitas, iminentemente, tôdas as excentricidades. Nesta página estão alguns modêlos muitíssimos curiosos, alguns duma ousadia pouco vulgar, duma originalidade flagrantíssima, mas todos muito graciosos, muito galantes, cheios de elegante encanto. Época de fantasias, esta época de Carnaval, verá com gôsto tôdas as extravagancias curiosas da Moda.

AO CENTRO DA PAGINA: — Maravilhoso vestido de seda negra bordada a branco e prata, capa de veludo preto, forrada de veludo branco e guarnecida de raposa branca — Criação Dupony
(Foto Henry Manuel)

Chapeu em penas de avestruz envernisadas, laçada em moiré, criação da Casa Marson
(Foto Manuel Frères)

EM CIMA: — Aviador em lamé de prata de Talbot
(Foto Manuel Frères)

AO CENTRO: — Uma criação Charlotte — Setim azul turquesa com grinalda de rosas caindo pelas costas
(Foto Manuel Frères)

EM BAIXO: — Criação Le Monier inspirada na mantilha espanhola
(Foto Manuel Frères)

EM CIMA: — Cora Marson, lança um toucado de soirée em lamé e bordados esmeralda
(Foto Manuel Frères)

AO CENTRO: — Criação Charlotte em setim e musselina brancos
(Foto Manuel Frères)

EM BAIXO: — Toque de tagal negro com grande laço de seda côr de fogo
(Foto Manuel Frères)

O ESCULTOR FRANCISCO FRANCO

Este gran Don Ramon del Valle-Inclan me inquieta...

...Assim disse a Don Ramon, no oiro dum soneto, o imortal e gentil Ruben Dario.

E, assim, pudesse eu encobrir minha samarra sob o *Traje de luces* do Poeta maravilhoso, aqui lhes confessaria também que sobremaneira me inquieta êste grande escultor senhor Francisco Franco.

Porque, em verdade, bem pouco tranquilo me sinto ao dizer-lhes hoje o meu recado, a minha profunda admiração por êste formidável artista que talha a sua obra com a áspera e voluntariosa paixão de quem, à sua própria imagem e semelhança, pretendesse talhar o universo inteiro. Que a êste homem excepcional, estou bem certo, não o guia sómente um claro e simples sonho de Beleza, mas uma dura e exacerbada ambição de criar e suponho que, de há muito, traz na alma oculto seu desafio à Eternidade.

Sua modéstia, a singeleza das suas palavras e maneiras, a viril e nobre elegância dos seus gestos de operário, e até, por vezes, suas crises franciscanas de humildade, — não são mais, afinal, do que o próprio pudor ante o seu íntimo, imenso e calado orgulho. Êste homem *quere*, e *quere* com uma imperiosa fôrça insatisfeita. Desejaria ser grão-mestre de alguma maçonaria construtora de Beleza, cujo ritual imitasse os gestos das estátuas eternas, todo o mundo transformado em Catedral imensa, onde o humano rebanho ajoelhasse cantando os hinos, que êle, Francisco Franco, comporia!

Antipático — não lhes parece?

A maquette do monumento a Gonçalves Zarco

•

Mas, meu Deus, assim teem sido quási todos — eu creio que todos — os que na sua travessia pelo mundo, deixaram impressos para sempre os sinais dos seus passos, os que, queimados na própria chama, criaram, à custa do seu sangue e com a fôrça das suas mãos, as obras imortais. Porque aqui lhes juro que êste senhor Francisco Franco tem altos destinos a cumprir.

No muito que já tem realizado e que os mais exigentes Mestres veem saudando com

invulgar respeito e, quási sempre, com ruidoso entusiasmo, em tudo emfim que de bom, de firme e de forte, já tem construido, há sempre um não sei quê que me perturba, intenção que se me escapa, estranhezas que me fogem à medida e à compreensão. Dir-se-ia que um especial sorriso de velada astúcia, quási malícia ou recondita esperança faz com que cada obra sua, à primeira vista impondo-se pelo equilibrado vigor e definitiva perfeição, ainda por fim mais nos impressione como Promessa, propositada anunciação de mais luminosa, de maior Beleza futura.

Se Francisco Franco pretendesse esculpir seu actual auto-retrato, permitir-me-ia aconselhar-lhe fizesse um Sagitário, — um Sagitário em cujo olhar se leia a segura certeza de atingir o alvo longínquo, em que todo o corpo conserve a firme e tranqüila atitude da mais perfeita serenidade, mas cujo arco se distenda ilimitadamente, para que mais longe e mais longe a flexa leve sua intérmina ansiedade de infinito.

Na soberba estátua de que oferecemos duas reproduções, é ver como esta dualidade manifestamente se revela: De costas — a figura do navegador tem a curvatura humilde dum peregrino, que, dir-se-ia, vai ajoelhar, dando graças a Deus de o ter levado a tão seguro e maravilhoso porto. Mas, visto de frente — o Zarco mostra a clara e serena firmeza dum descobridor e conquistador de mundos. E ainda, nesta última atitude, a que, pela reprodução, melhor poderemos observar, mais flagrante se denuncia esta dupla feição do ilustre artista: dos pés à cabeça tôda a figura resplandece de tranqüila audácia e fôrça satisfeita, enquanto nos claros olhos abertos, olhos cheios de Mar, e no indefinível sorriso que lhe vem do fundo insondável da alma, e aflora e perpassa como brisa marinha à superfície da pele, há como que o íntimo anúncio duma mais vasta obra, o mal encoberto segrêdo de quem sabe que a formosa terra que está pisando não é mais do que o primeiro passo duma marcha que atravessará séculos de glória e de conquista.

Neste Gonçalo Zarco já se debuxam o Gama, o Castro, Magalhães e Albuquerque... Todo êle respira ingenuidades de primitivo, o quer que seja de infantil e de puro, e, ao mesmo tempo, o sólido poder duma vasta sciência, tôda a complicada geometria dum plano imenso, lá se fundindo, em transcendente alquímia, a rude e perfeita inocência com aquela manha e fereza que Machiavello exigia em todo o Príncipe perfeito.

E em qualquer outra das obras de Francisco Franco, é sempre esta dupla expressão o traço dominante. Não estou fazendo crí-

Vista posterior da maquette do monumento a Gonçalves Zarco

tica, que não cabe em tão breve página a pretensão dum tal cometimento: estou fazendo sómente singela reportagem.

Outros, bem melhor do que eu, largamente hão de analizar, uma por uma, maravilhas de magistral execução, a sempre viva sensibilidade da sua modelagem que lhe não deixa no barro um só ponto amortecido, a elegante e sóbria riqueza dos ornatos que a mim me faz parecer êste Zarco uma resposta à Tôrre de Belém, mandada de além-mar...

*

Sacudida do seu capote, junto às portas de Florença, tôda a poeirada literária que lhe ficára dos cafés e *ateliers* de Paris, pois que sua febre de sentir e conhecer o levou, por vezes, por ínvios e desvairados caminhos, liberto enfim, após longa batalha, do tumultuoso e aliciante abraço de Rodin, foi Francisco Franco encontrar-se a si mesmo entre as estradas já abertas e tomadas por Donatello e Miguel Angelo... É por essas bandas que êle, vigoroso caminhante, procura romper a vereda nova, afugentando o seu mêdo com algum novo e bem alto cantar, cuidadoso em que, com outras, sua voz se não confunda...

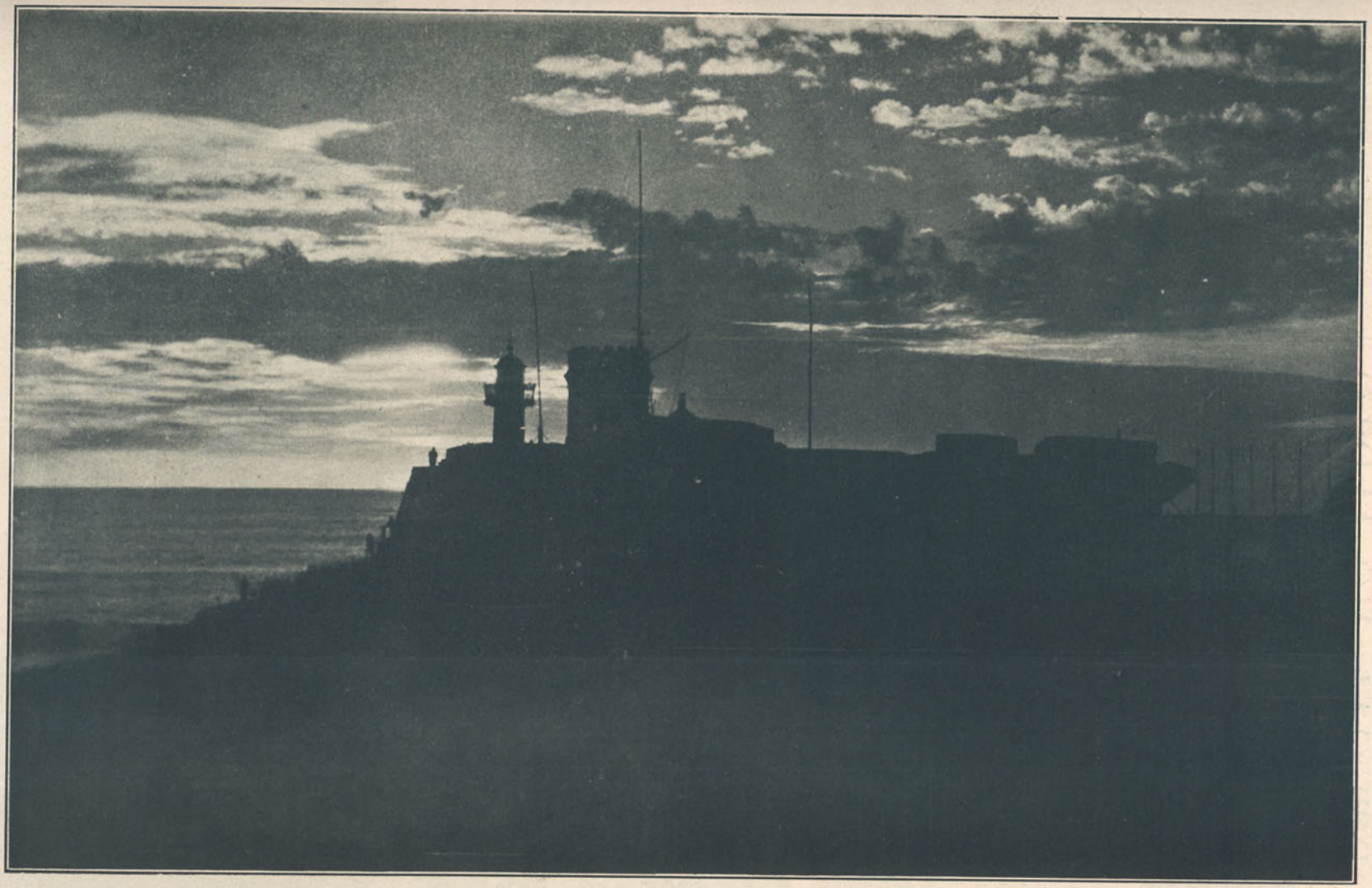
Até onde irá?

*

De mãos dadas com seu ilustre irmão Henrique Franco, discípulo do grande Columbano e já firmando seu lugar de novo Mestre, com o alentejano Dordio, que não estará longe o dia em que o seu nome seja um nome nacional, e outro madeirense Migueis, que ainda há bem pouco nos encantou com um formoso retrato da ilustre actriz sr.ª D. Amélia Rey Colaço, com o escultor Diogo de Macedo, cuja alma de lírico elegantíssimo andou prêsa largo tempo dos poemas de Antero e dos suspiros de António Nobre, buscando nos seus barros a melodia dos mais belos versos, — de mãos dadas, dizia eu, com êstes quatro admiráveis artistas, foi que Francisco Franco nos surgiu, numa exposição de há poucos anos, afirmando-se definitivamente com a fôrça duma glória culminante. O rumor das discussões e das palmas à sua roda, perturbou largo tempo a sonolência desta indiferente e, ao mesmo tempo, cabotina Lisbôa. Lembra-me ainda que foi Mestre Sousa Lopes, rompendo uma vaga núvem de vagas desconfianças, um dos primeiros a levar o seu apêrto de mão, da sua mão habituada a manejar um pincel glorioso, ao fortíssimo escultor que chegára e vencera. Para todos, Mestre Francisco Franco ficou nos domínios da sua grande Arte como senhor incontestado.

Contudo, êste David, não pôs ainda nas correias da sua funda a sua melhor pedra.

CARLOS AMARO.



FIGUEIRA DA FOZ — O forte de Santa Catarina ao crepusculo

PORTUGAL NO JAPÃO

O Japão, o grande império oriental, expoente máximo duma civilização formidável, o país que consegue conciliar, no mais alto gráu, o progresso vertiginoso com o mais belo e profundo respeito pela tradição, constitui hoje uma das mais fortes e admiradas nações do mundo.

O mundo inteiro fixa os seus olhares interessados na fabulosa actividade progressiva dos filhos do império nipónico que teem dado ao mundo altos exemplos de elevação cultural e espiritual, a par dum progresso mecânico, fóra de par.

Por isso, tudo quanto o Japão pensa e põe em pratica é observado com atenção e respeito pelo mundo ocidental. Desta vez, coube a Portugal o estar em fóco em virtude da bela e comovedora homenagem que o Japão lhe prestou, inaugurando em Tanegaxima um belo monumento comemorativo do descobrimento do império nipónico pelos navegadores portugueses, em 1542. Foi a Sociedade Luso-Japonesa de Tóquio a iniciadora de tão nobre e penhorante comemoração que teve o beneplácito do governo nipónico, a quem todos os portugueses devem estar gratos pelo respeito que pela nossa raça foi assim afirmado, em contráste com outras nações ocidentais que, a propósito de tudo, afirmam bem alto a sua vontade de ignorar o nosso país, grande no passado e digno de respeito no presente e no futuro. Para o Império nipónico as nossas saudações.

EM CIMA: O Senhor Conde Matsura, Presidente da Sociedade Luso-Japoneza de Tóquio e iniciador da subscripção para o monumento. — *(Foto assinada para a «Ilustração»)*

O momento de descerrar o padrão. A menina Ikuko Tanegaxima, filha do barão de Tanegaxima e descendente dos senhores feudais que acolheram, ha 400 anos, os náufragos portugueses naquela ilha, ao descerrar o monumento. A seu lado o Sr. Ministro de Portugal, Dr. Costa Carneiro

EM BAIXO: O escultor japonez Fumio Asakura, professor da Academia de Tóquio, autor do monumento de Tanegaxima

HORTAS E LOCANDAS

Em nenhuma cidade portuguesa se enraizou tanto o costume de passar os dias no campo, como em Lisboa.

Isto parece estranho, mas não é por certo. A freqüência aos retiros afastados, a concorrência ao campo estão na razão directa da população e da categoria administrativa das localidades. As grandes cidades contribuem mais copiosamente para êsse exodo periódico em que uma aluvião dos seus habitantes procura na sombras dos arvoredos espessos o descanço da canseira semanal, o aperitivo a repastos apetitosos em que é posta à prova a perícia das donas de casa, a excelência dos seus dotes de manufactoras de pitéus, o registo das suas faculdades de preparadoras geniais de farneis em que os acepipes e as comidas substanciais avultam de atracção, porque é bem melhor saboriar a carne de porco do lombo regada de Colares Burjacas à sombra de pinheiros e eucaliptos do que nas estreitas dimensões dum casinhoto miseravel dos Terremotos ou de Xabregas! Compreende-se bem que seja o habitante citadino que melhor prefere estas funçanatas, só tomadas a sério quando as alegra uma bôa refeição. As profissões de caracter urbano nas pequenas aldeias e vilas são em número diminutíssimo, daí o transbordamento de atividades para a vida rústica onde o arado e a enchada são os símbolos primaciais do labor diário. Vive-se mais no campo do que intra-muros das povoações, se é que a própria povoação não constitui já de per si um simples episódio campesino. Para que procurar, portanto, o ar fresco das serras, o oxigénio puro das planícies e montes, se êsse ar fresco, se êsse oxigénio puro estão num contacto estreito e permanente com essas existências de trabalho e de luta pela vida? O homem deseja sempre o que não tem, e é bem evidente, porque se o tivesse não o desejaria, quando muito aspiraria a manter essa posse. Ora, precisamente o habitante da cidade, porque o é, deseja o campo, em que não lida e deseja-o tanto pelo sentido do goso, como pela conveniencia salutar da higiene. O rude afazer da oficina, de todo o modo estiolante e opressivo de liberdade de corpo e de pensamento, cria no operário uma ânsia de libertação, uma necessidade de divertimento que tem fatalmente de se traduzir no descanço, favorecido por uns momentos de prazer material e espiritual e na procura dum scenário que a Natureza prodigamente lhe ofereça e em cujos limites, consoladores pela tranqüilidade e pela despreocupação, a sua alma se lava das impuresas de toda a espécie! E, quando se fala no operário, muito bem se pode falar também da maioria das pessoas para quem os seis dias úteis da semana representam no seu labôr e na contribuição do seu esfôrço, uma obrigação penosa e insistente. *Ir para as hortas* é hoje na terminologia citadina e foi ontem na vida dos grandes burgos, uma expressão vulgar que, assinalando um costume velho e inveterado, marca igualmente uma afirmação de desafogo, uma derivação indispensavel e aprazivel na vida intensa de todos os dias!

* * *

Lisbôa é uma terra clássica de hortas e locandas, designações genéricas que se desdobraram já numa abundância de termos em cujo naipe se salientam equivalências, das quais as mais usuais são a *vivenda*, o *retiro* e a *quinta*. Em volta desta peregrinação nos domingos e dias de feriado, aos arredores alfacinhas, arquitectaram-se já scenas de pitoresco, formaram-se construcções típicas e

criaram-se ambientes particulares que trouxeram à vida lisboeta uma característica curiosissima, inconfundivel, quando não turbulenta, mas sempre alegre, estouvada e cheia de movimento. E de tal forma se activaram as *passeiatas* aos subúrbios da cidade, que, se não fôra um pouco de sugestão e uma ou outra nota de feição típica, dir-se-ia que a laboriosidade da população se limitara, no campo da sua comparsaria, a transferir-se para outras paragens e que os milhares de bôcas sedentas de oxigénio saudável em pouco transformaram os olivedos, vinhas, carvalheiras e pinhais num novo centro de atracção, empestando a atmosfera e dando-lhe uma perniciosidade, daninha afinal, para os que lá moram no resto do ano!

O aumento da população e a facilidade das comunicações realizaram esta coisa estupenda: o alfacinha vai para o campo comer o mau pão que come em Lisboa, beber o mesmo vinho que bebe em sua casa e quási sempre a água de que o Alviela inquinado veiu alimentar os contadores citadinos e que numa usurpação monopolisante reduziu à inaproveitabilidade as mil nascentes de que outróra se abasteciam alguns logarejos e recantos circunvisinhos!

A Lisboa do século XVIII e ainda nos três primeiros quarteis do século seguinte, foi a última fase da vida pitoresca das hortas e retiros, e, quando francamente se entrava no século XX desferia-se plangentemente o canto do cisne, da esturdia alfacinha dos arredores de que a tradição fala festivamente e a que os escritores contemporâneos de então se referem, em geral com o conhecimento e a consciência que lhes dava a comparticipação nesses festins despretenciosos e queridos em que o amor, as esperas de toiros e as brigas se confundiam no mesmo *brouhaha* de prazer!

A estrada que vinha de Sacavem, amiudadamente cortada de curvas, tinha nêsses tempos o bulicio ingénuo dos viandantes a quem não mordera ainda a víbora da política infrene. Esse caminho de carrejões, por onde dêsde as últimas horas da tarde até ao romper da alva, se extendia um cortejo interminо de veículos hortaliceiros ainda hoje mais ou menos mantido, pintalgava-se de *cache-nez* berrantes e de bombazinas de cavalaria e, ao som monotono e simples da gaita de foles ou acorde arrastado do *harmonium*, a multidão lá ia em demanda das locandas, da horta onde, honradamente, o vinho não era ainda batisado com a água do Alviela e o pão enfarinhava as mãos como se o trigo e o milho das visinhanças tivesse acabado de ser moido por qualquer moinho melopeico da região e amassado pelas mãos ásperas de moçoilas córadas e cheirosas de mato de rosmaninho! Em todo o bairro ondeado de terras de semeadura e crivado de pomares que se estende a um lado pela bacia verdejante de Benfica e ao outro pela falda do monte onde se ergue a silenciosa Ameixoeira e a quási primitiva Charneca, enxameiavam os retiros de nomes sugestivos, em que a sciência bizarra dos donos convidava o povo a descançar e a augurar «pratos» bem cozinhados.

Mas nêsses tempos saudosos a população lisboeta não ia em tropel, escancarando guelas sifilíticas e mordiscando remoques a homens da governação; delirava-se ao ouvir os compassos plangentes dum fado em ré menor e quando muito sapatiava-se, já a regressar à labuta cidadã, algum fandango pulante, algum bailarico estalado e uma ou outra polka janota, prova de pericia dançante de algum comensal mais civilizado!

E não raras vezes, os «cómicos» da Rua dos Condes e do Salitre acamaradavam com primas-donnas célebres nas arias de Auber e Cimarosa e com alguns nomes heraldicos que em Benfica «espantavam» os toiros que iam para Salvaterra e Muje, e à noite, com punhos de renda, dançavam nos salões solarengos, *minuettes* e pavanas dos seiscentistas italianos.

Hoje, nas modernas Pernas de páu, Zé dos pacatos e Ferros de Engomar, come-se à francesa...

E, desde a indumentária cuidada e snobica, com laivos de Paris e Londres, até ao feitio moral dos freqüentadores, tudo tresanda a requintes de posticismo pretencioso e de atitudes vazias e ridículas. O rodopio *jazz-bandista* dos clubs de mundanismo cocainomano, o bulício dos *restaurants* custosos nem tem a originalidade do convívio de outras eras, nem até a galante expressão de frivolidade popular que caracterizaram êsses festins opíparos das hortas e locandas setecentistas e de oitocentos. A multidão que hoje os freqüenta tem aparências de chusma incaracterística, heterogénea, amortecida de côres monótonas e em que a vozearia abafa o bom humor e a estridência destrambelhada afoga o dito de espírito e o idílio amoroso, de malícia discreta, quási paradoxalmente concupiscentes. O amontoado de gente que concorre às portas lisboetas dos arredores perdeu a feição popular, desregionalizou-se, e não tardará que o *foie-gras* do Tavares e da Garrett seja servido também nas Pedralvas e no Charquinho, que são arremêdos, aliás, do que foi em tempos ditosos a estúrdia alfacinha!

NOGUEIRA DE BRITO.

UM REI DENTRO DA REPÚBLICA

Conta-se que um dia, no Palácio do Oriente, conselheiros e ministros apresentavam ao actual rei de Espanha os seus receios sôbre a acção dos republicanos dentro da monarquia. E todos êles, no desejo de mostrar serviços e interêsse pela conservação da magestade, exageravam tanto o perigo republicano, que Afonso XIII, erguendo-se de súbito, exclamou:

—Se a república corresponde à vontade do povo, deixemos que a vontade do povo se cumpra. Eu passarei a ser o presidente da república...

Esta anecdota, que muitos afirmam ser autêntica, foi posta em circulação para demonstrar a fé que o rei de Espanha tem nos seus súbditos, a certeza de que é estimado pelo povo do seu país.

No caso de ser implantada a república, Afonso XIII apresentaria a sua candidatura à respectiva presidência... Não sei que probabilidades êle teria de ser eleito, mas sei que em Portugal, refervedouro de paixões, o soberano destronado não poderia pensar sequer em tomar essa atitude, aliás consentida a qualquer outro cidadão...

E, contudo...

*

Contudo, dentro do território português existe um rei — e não é de chocolate, nem de ferro, nem de aço ou de outro metal parecido... O soberano a que nos referimos tem súbditos e vastos domínios, e usa, mesmo que simultâneamente é dominado pela República Portuguesa... Só tem corôa, sceptro e súbditos precisamente porque é republicano! É um rei feito pela República...

*

O leitor já deve estar intrigado. Intrigado e revoltado.

— O sr. Ferreira de Castro, que não é um humorista, está, desta vez, a brincar comigo! — exclamará. — Pois é possível que exista um rei dentro do território português, um rei paradoxal, um rei republicano!

E depois de se ter posto a adivinhar o fim dêste artigo, concluirá, antes mesmo de chegar à última linha, que se trata dum rei de opereta — de opereta de algum autor amigo, a quem eu pretendesse ser agradável, fazendo-lhe desde já o réclamo.

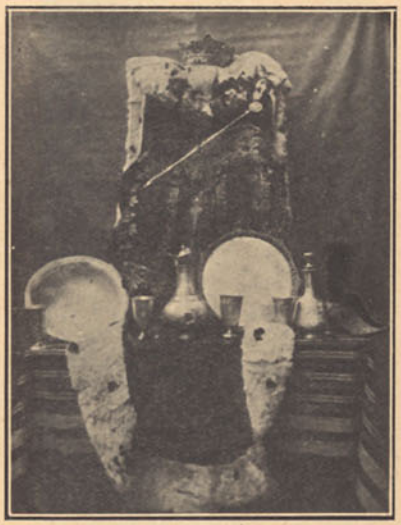
Nada de menos verdadeiro. E já que Fialho disse ser necessário adaptar o estilo à fisionomia de cada assunto, é sorrindo que eu volto a afirmar a existência dum rei de carne e ôsso dentro da República...

A magestade existe. Existe no Congo — o rei do Congo português. E feita esta declaração tranqüilizadora, recapitulemos.

*

O rei do Congo é uma entidade tradicional, reconhecida durante muito tempo pelo rei de Portugal, dos Algarves e do Ultramar, um rei negro. Negro, mas com dinastia, com sucessão à moda dos brancos. Competia sempre ao primeiro filho varão do rei morto o direito de reinar. Evidentemente que isto, por vezes, dava pretexto a que bastardos se considerassem com iguais direitos e as lutas fôssem grandes, tanto mais que os reis coloniais, em assuntos de filhos, nunca fizeram economias...

O soberano gosava de grande prestígio pessoal entre as tríbus do Congo e era êsse prestígio, colocado ao serviço de Portugal, que lhe justificava a existência.



Sceptro, manto, corôa e objectos de adorno com que o rei do Congo foi presenteado por El-Rei Don Luiz

Sua Magestade o Rei do Congo com o seu conselho de ministros e filhos
Sua Magestade está paramentado com as suas insignias

Veio, porém, a República. Por coerência, o novo regime entendeu que não devia permitir um rei dentro do seu território, mesmo que fôsse no Congo. E suprimiu aquela obscura soberania.

Passaram-se anos e se entre os pretos não se repetiu o caso das rãs — aqui a história é pouco clara, — alguma expressão de ordem moral se fêz sentir, mas de tal maneira, que Augusto Casimiro resolveu entregar ao descendente do último rei deposto a corôa e o sceptro do Congo, reentrando-se, assim, na tradição.

O actual soberano, do qual, graças à gentileza do meu presado amigo e ilustre colonial, sr. dr. Oliveira Santos, a Europa pode conhecer a efígie, é benévolo para com os seus súbditos — quem ousa dizer, durante a vida dum rei, que êste não é benévolo? — e fiel servidor da República.

Elo de união entre as autoridades portuguesas e os pretos, êle tem cumprido, como sabe e pode, o seu dever, evitando atritos e procurando ser mais diplomata do que rei.

De outros feitos seus se há de ocupar, certamente, a História, mas eu, além de manifesta incompetência para historiador, não quero roubar aos investigadores futuros o prazer de encontrarem algo de inédito na vida dêste tão longínquo e estranho soberano...

FERREIRA DE CASTRO.

perante o barrête frígio, manto real e sceptro e corôa, tudo isto saído das mãos dum Bragança...

Descansem, porém. Não se trata de D. Manuel II. Nem tão pouco foi reconhecido pelo último soberano português. É um rei inofensivo, sem partido organizado, sem órgão na imprensa; um rei que domina, é certo, mas a quem por sua vez, aquele obedecia cègamente.

D. Luís chegou mesmo a oferecer ao rei do Congo da sua época um sceptro, um manto, uma corôa e outros objectos de régia aplicação, conforme se vê na gravura que publicamos.

Escusado é dizer que o rei do Congo era

ATLANTIDA

ROMANCE

(Romance votado no concurso do *Magazine Hertrand* e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)

de PIERRE BENOIT
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

«Que diabo! Dar-se-há o caso de êle estar tão mal como eu!» pensei comigo, pois sentia uma dificuldade cada vez maior em ligar duas ideas.

Ouvi-o gritar violentamente, ao que me pareceu para Eg-Anteuen:

— Põe-te de lado! Deixa entrar o ar! Que fumo!

E continuava a examinar as inscrições.

De repente ouvi-o outra vez, porém mal. Parecia-me que os sons também eram envolvidos pelo fumo:

— Antínea!... Enfim... Antínea... Mas não está gravado na pedra... sinais pintados com oca... Não há dez anos talvez, nem cinco... Ah!...

Agarrou a cabeça com as mãos e deu um grande grito.

— É uma mistificação! É uma trágica mistificação!

Saltei um risinho de escarneo.

— Ande lá! Não se zangue!

Morhange tinha-me agarrado um braço e pôs-se a sacudir-me com fôrça. Vi-lhe os olhos muito abertos de pavor e espanto:

— Está doido? — rugiu êle com o rosto sôbre o meu.

— Não grite tanto — respondi com o mesmo risinho.

Morhange tornou a olhar para mim e abatido, sentou-se numa pedra, em frente de mim. A entrada da gruta, Eg-Anteuen continuava a fumar; via-se-lhe luzir na escuridão a boca avermelhada do cachimbo.

— Doido! Doido! — repetia Morhange com voz pastosa.

Bruscamente curvou-se para o brazeiro que expelia as últimas chamas, mais altas e claras. Agarrou numa erva que ficára na borda, pôs-se a examiná-la com atenção e deitou-a para o cume com um grito estridente:

— Ah! Ah! é muito boa!

Cambaleando, aproximou-se de Eg-Anteuen e apontou para o lume:

— Cânhamo, hein! *Hachich! Hachich!* Ah! Ah! é muito boa!

— É muito boa — repeti eu, desatando a rir.

Eg-Anteuen aprovou com um riso discreto. O lume moribundo iluminava-lhe os terríveis olhos sombrios.

Um instante depois, Morhange agarrou o braço do Targui:

— Eu também quero fumar! Dá-me um cachimbo.

Imperturbável, o fantasma deu ao meu companheiro o que êle lhe pedia.

— Ah! Ah! Olha um cachimbo europeu!

— Um cachimbo europeu — repeti, cada vez mais alegre.

— Com uma letra, um M. Como se fôsse de propósito: M. capitão Morhange.

— Capitão Masson — rectificou tranquilamente Eg-Anteuen.

— Capitão Masson — repeti eu e Morhange. E pusemo-nos a rir:

— Ah! Ah! Ah! Capitão Masson... O coronel Flatters... o poço de Garamá. Mataram-no para lhe roubar o cachimbo, êste cachimbo. Foi Cegheir-ben-Cheikh quem matou o capitão Masson.

— Foi realmente Cegheir-ben-Cheikh — respondeu o Targui, com a sua inabalável placidez.

— O capitão Masson tinha-se separado da caravana para ir, com o coronel Flatters, reconhecer o poço, disse Morhange rindo estrondosamente.

— Foi então que os Tuaregues os assaltaram — continuei, rindo às gargalhadas.

— Um Targui Hoggar agarrou na rédea do cavalo do capitão Masson — disse Morhange.

— E Cegheir-ben-Cheikh na do cavalo do coronel Flatters — disse Eg-Anteuen.

— O coronel pôs o pé no estribo, e apanha logo uma cutilada de Cegueir-ben-Cheikh — disse eu.

— O capitão Masson puxa do revólver e faz fogo sôbre Cegheir-ben-Cheikh, a quem corta três dedos da mão esquerda — diz Morhange.

— Mas — continua Eg-Anteuen imperturbável — Cegueir-ben-Cheikh, com outra cutilada, abre o crânco ao capitão Masson...

Riu-se com um risinho baixo e satisfeito, ao pronunciar esta frase. A chama moribunda ilumina-o: Vêmo-lo a segurar o cachimbo com a mão esquerda — e nessa mão havia apenas um, dois dedos... ainda eu não tinha dado por isso.

Morhange também o notou, pois termina com um riso estridente:

— E então, depois de lhe abrir o crâneo roubaste-o, tiraste-lhe o cachimbo. Bravo, Cegheir-ben-Cheikh!

Cegheir-ben-Cheikh não respondeu, mas percebe-se que está contente. Continua a fumar. Mal lhe vêjo, agora, as feições. A chama empalidece, apagou-se. Nunca vi tanto como esta noite. Nem Morhange tão pouco! Até é capaz de se esquecer do convento. E tudo isto porque Cegheir-ben-Cheikh roubou o cachimbo ao capitão Masson... Ora vão lá fiar-se em vocações religiosas...

Outra vez aquela maldita cantiga!

A sétima é um rapaz que perdeu um ôlho!

Que idiotice! — Ah! olha que exquisito: somos quatro agora no buraco. Quatro, cinco, seis, sete, oito... Tenham a bondade, meus senhores, não façam cerimónia... Ora até que vou saber como são os tais espíritos dêstes sítios, os ganfasantes, os Blémios... Morhange diz que os Blémios teem o rosto no peito. O que me agarrou não é, com certeza um Blémio. Olha! leva-me lá para fora... E Morhange, eu não quero que se esqueçam de Morhange...

Não se esqueceram: ali vai êle em cima de um dromedário, adiante daquele a que vou atado. Fizeram bem em atar-me, senão rebolava por aqui abaixo, com tôda a certeza. Estes espíritos não são más pessoas. Mas como êste caminho é comprido! O que eu queria, era estender-me e dormir. Com certeza que há bocado passámos por um grande corredor e depois estivémos ao ar livre. Outro corredor sem fim, em que se abafa. Outra vez estrêlas... Esta ridícula corrida irá ainda durar muito?... Olha, luzes... Estrêlas, talvez. Não, são luzes, digo bem. E é uma escada, palavra! de rochedos, sim, mas uma escada. Como é que os camelos podem?... Já não é um camelo que me leva, é um homem. Um homem todo vestido de branco; não é um ganfasante nem um Blémio. Morhange há-de ir a fazer uma cara, êle que vinha tão entretido com as suas inscrições históricas, que torno a dizer, são tôdas falsas. O bom Morhange! Contanto, que o seu ganfasante o não deixe cafr, nesta escadaria que nunca mais acaba.

Há qualquer coisa a brilhar no této. Uma lâmpada!... e de cobre, como a de Tunis, em casa de Barbouchy. Outra vez às escuras! Mas agora tanto se me dá! já estou estendido e já posso dormir. Que dia tão estúpido!... Oh! senhores, afirmo-lhes que é inútil atarem-me com tanto cuidado: podem crêr que não tenho vontade nenhuma de ir passear pelas avenidas.

Outra vez às escuras. Os passos perdem-se ao longe... Silêncio.

Agora puseram-se a falar ao pé de nós. Que estão êles a dizer?... É lá possível?... Êste ruído metálico, esta voz... Mas sabem o que está a dizer? O que está a gritar com uma firmeza que só dá o hábito?

— Joguem, meus senhores, joguem!

Estão 18:000 francos na banca!

Mas eu estou no Hoggar, ou não estou, com todos os diabos?

CAPÍTULO VIII

O DESPERTAR

Ia alto o dia, quando abri os olhos. Pensei logo em Morhange, não o vi, mas ouvi-o perto, soltando exclamações de surprêsa.

Chamei-o e êle acudiu.

— Então a si não o ataram? — preguntei-lhe.

— Peço desculpa, mas ataram mal. E eu soltei-me.

— Podia ter-me desatado, também a mim — notei eu de mau humor.

— Para quê? ia acordá-lo. Já sabia que me chamava assim que abrisse os olhos. Pronto. Está desatado.

Ao pôr-me em pé, cambaleei. Morhange sorriu.

— Se tivéssemos estado tôda a noite a fumar e a beber, não nos veríamos em mais lamentável estado. Aquele Eg-Anteuen com o seu «hachich», é um grande bandido.

— Cegueir-ben-Cheikh — rectifiquei.

Passei a mão pela testa:

— Onde estamos nós?

— Meu caro amigo, respondeu Morhange — desde que acordei dêsse extraordinário pesadêlo, que principiou na gruta cheia de fumo e acabou na escada dos lampadários das Mil e uma noites, vou de surprêsa em surprêsa. Ora olhe em volta de si.

Esfreguei os olhos e olhei. E agarrei na mão do meu companheiro.

— Morhange — supliquei — diga-me que ainda estamos a sonhar.

Estávamos numa sala redonda de cinquenta pés de diâmetro e outros cinquenta de altura quási igual, iluminada por uma enorme abertura por onde se via um céu azul intenso. Passavam andorinhas e tornavam a passar, com gritinhos de alegria.

As paredes, o chão e o teto, eram de uma espécie de mármore venado, como o pórfiro, com placas de um metal exquisito, mais claro que o ouro e mais escuro que a prata, embaciado naquele instante pelo ar da manhã, que entrava à larga pela abertura em que lhe falei.

Dirigi-me cambaleando para aquela abertura, atraído pela fresquidão da brisa e pela luz dissipadora dos sonhos, e encostei-me à balaustrada.

Não pude conter um grito de comoção:

Encontrava-me numa espécie de varanda, cortada na própria face de uma montanha, sôbre o vácuo. Por cima de mim, o céu azul; em baixo, cingido de todos os lados por picos que lhe formavam uma cêrca seguida e inviolável, acabava de se me deparar um verdadeiro paraíso terrestre, a uns cinquenta metros de fundo. Estendia-se até um jardim. As palmeiras balançavam lentamente, as longas palmas. Aos pés delas a moiteira das árvores menores, que elas protegem nos oásis: amendoeiras, limoeiros, laranjeiras e outras, muitas outras, cujas espécies eu não podia ainda distinguir daquela altura... uma grande ribeira azul, alimentada por uma cascata, corria para um lago encantador, a cujas águas a altitude dava uma transparência maravilhosa. Grandes aves voavam em círculo nêste pôço de verdura, sôbre o lago brilhava uma flamante côr de rosa. As montanhas, cujos altos cumes se erguiam em volta, estavam completamente cobertas de neve. O rio azul, as palmas verdes, os frutos de ouro e em cima aquela neve milagrosa, tudo isto no ar imaterial, à fôrça de fluido, formava um conjunto tão puro, tão belo, que as minhas pobres fôrças de homem não puderam suportar muito tempo a vista. Encostei a fronte à balaustrada, que a mesma neve branqueara, e pus-me a chorar como uma criança.

Morhange estava também como uma criança. Porém, tendo acordado antes de mim, decerto tivera tempo de se familiarisar com cada um dos pormenores, cujo conjunto fantástico me esmagára. Pondo a mão no meu ombro, obrigou-me a voltar para a sala.

— Ainda não viu nada, — disse êle. — Olhe, olhe.

— Morhange! Morhange!

— Que quer que lhe faça, meu amigo? Vêja.

Reparei que a estranha sala estava mobilada à europeia, a bem dizer, a pesar da quantidade de almofadas tuaregues redondas, de couro, de côres berrantes, de cobertas de Gafza, tapetes de Zairouan, e repositeiros de Caramani, que eu teria medo de levantar. Mas uma parte entreaberta deixára ver uma biblioteca cheia de livros. Nas paredes estavam penduradas colecções completas de fotografias, representando as obras-primas da arte antiga. Havia, por fim, numa mesa que se escondia debaixo de um monstruoso amontoado de papeis, brochuras e livros. Cuidei perder os sentidos ao distinguir um número recente da *Revista Arqueológica*.

Olhei para Morhange, êle olhou para mim; e deitámo-nos ambos a rir, com um riso tresloucado, que nos sacudiu um bom bocado.

— Não sei — pôde, enfim, articular Morhange — se algum dia teremos de nos arrepender desta excursãosinha ao Hoggar. Mas, por agora, há de concordar que se anuncia fértil em peripécias imprevistas. Este guia inefável que nos adormece sòmente para nos subtraír aos incómodos da vida da caravana e que me permite experimentar sem desdouro os êxtasis tão celebrados no «haxixe»; essa fantástica cavalgada nocturna, e por fim esta gruta de um Nureddin que tivesse recebido na Escola Normal o ensino do ateniense Bersot, são coisas para fazerem destrambelhar o espírito mais ponderado.

— Agora a sério, que pensa de tudo isto?

— Que penso? O mesmo que o meu pobre amigo pode pensar. Não percebo absolutamente nada, a minha erudição, como tão amavelmente lhe chama, foi-se por água abaixo. E, como não havia de ser assim? Espanta-me êste trogloditismo. Plínio fala de indígenas que viviam em cavernas a sete dias de caminho, ao sudoeste da Terra dos Amantes, e dôze dias a oeste da Grande Sirta. Heródoto diz também que os Garamantes caçavam em carros de cavalos, os troglodítas da Etiopia, mas nós estamos no Hoggar, em plena região targui, e os Tuaregues são-nos descritos pelos melhores autores, como gente que não consentiu nunca em viver em buracos. Duveyrier é formal a tal respeito. E diga-me cá, que espécie de gruta vem a ser esta, transformada em gabinete de trabalho, com reproduções da Vénus de Médicis, do Apolo Sauróctone, pelas paredes? Isto é de endoidecer, digo-lho eu.

E Morhange, deixando-se caír numa cadeira, pôs-se outra vez a rir, ainda com mais vontade.

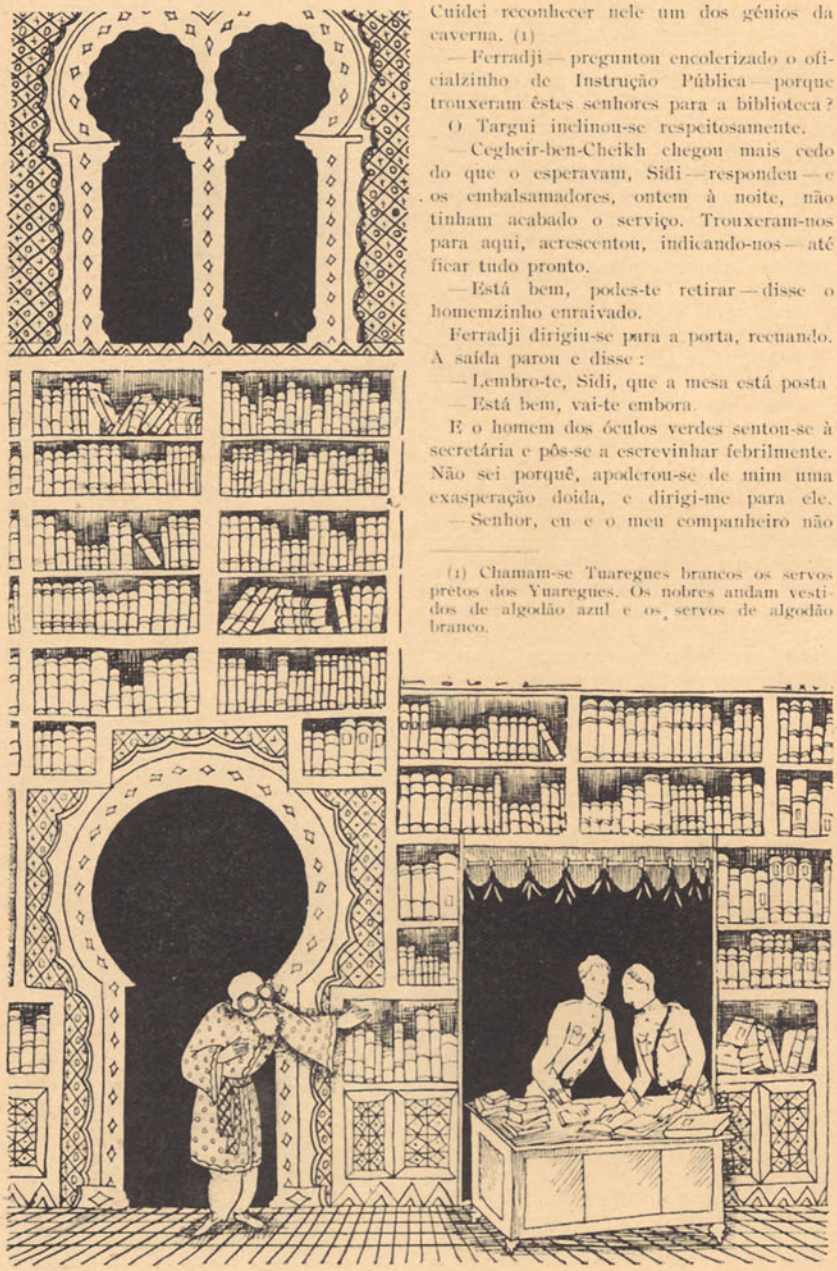
— Olhe, — disse eu — latim!

Eu tinha pegado numas folhas de papel que estavam dispersas sôbre a mesa de trabalho que ocupava o meio da sala. Morhange tirou-mas das mãos, e percorreu-as ávidamente. A estupefacção que se espalhou no seu rosto, não teve limites.

— Isto é cada vez mais espantoso, meu caro! Saiba que há aqui alguém que está a fazer uma dissertação sôbre as ilhas Górgonas: *De Gorgonum insulis*, baseando-se em grande cópia de textos. Medusa, segundo o autor, foi uma líbia selvagem, que habitava nos arredores do lago Tritão, o nosso Chott Melhrir actual, e foi aí que Perseu... Ah!

A voz de Morhange ficou-lhe estrangulada na garganta. Ao mesmo tempo uma voz aguda, agastada e aflautada, retinia pela sala imensa:

— O senhor faz favor de deixar quietos os meus papeis?



Voltei-me para o recém-chegado.

Tinha-se arredado um dos reposteiros de Caramani, deixando entrar a mais inesperada figura. Esta aparição ultrapassava em incoerência tudo o que é possível imaginar.

À entrada da porta estava um homemzinho calvo, de cara amarela e ponteaguda, meio tapada por uns enormes óculos verdes, e com uma barbicha preta e branca. Pouco mostrava da camisa, mas trazia uma deslumbrante gravata de plastrão vermelha. Vestia calças brancas, género *flutuante*. No seu vestuário só as babuchas encarnadas pertenciam ao Oriente. Exibia, não sem ostentação, a roseta de oficial da Instrução Pública.

O recém-chegado apanhou as folhas que Morhange tinha deixado cair, à fôrça de pasmo, contou-as, pô-las em ordem, e depois de nos deitar um olhar irritado pôs-se a tocar uma campainha de bronze.

Apareceu um gigantesco Targui branco. Cuidei reconhecer nele um dos génios da caverna. (1)

— Ferradji — preguntou encolerizado o oficialzinho de Instrução Pública — porque trouxeram êstes senhores para a biblioteca?

O Targui inclinou-se respeitosamente.

— Cegheir-ben-Cheikh chegou mais cedo do que o esperavam, Sidi — respondeu — e os embalsamadores, ontem à noite, não tinham acabado o serviço. Trouxeram-nos para aqui, acrescentou, indicando-nos — até ficar tudo pronto.

— Está bem, podes-te retirar — disse o homemzinho enraivado.

Ferradji dirigiu-se para a porta, recuando. À saída parou e disse:

— Lembro-te, Sidi, que a mesa está posta.

— Está bem, vai-te embora.

E o homem dos óculos verdes sentou-se à secretária e pôs-se a escrevinhar febrilmente. Não sei porquê, apoderou-se de mim uma exasperação doida, e dirigi-me para ele.

— Senhor, eu e o meu companheiro não sabemos onde estamos, nem quem o senhor é. Vemos apenas que é francês, visto que traz um dos mais estimáveis distintivos honorários do vosso país. Já deve ter pensado a mesma coisa de nós.

E apontei a fitinha vermelha que trazia no fato branco.

Pôs-se a olhar para mim com surpreza desdenhosa.

— E então?

— Então? O preto que acaba de saír pronunciou um nome, Cegueir-ben-Cheikh, o nome de um salteador, de um bandido, de um dos assassinos do coronel Flatters. O senhor sabia isto?

O homemzinho olhou-me friamente e deu um geito aos ombros:

— Decerto. Mas que tenho eu com isso?

— Quê!... — rugi, fora de mim. — Quem é o senhor?

— Senhor — disse o velhote, com dignidade cómica, voltando-se para Morhange — tomo-o por testemunha das maneiras singulares do seu companheiro. Estou na minha casa e não admito...

— Desculpe o meu camarada — disse Morhange aproximando-se. — Não é um homem de estudo, como o senhor. Um tenente de sangue na guelra, tem a cabeça escaldadiça. E depois, há de compreender que ambos nós temos razões para não estarmos tão serenos, como seria para desejar.

Fiquei furioso com as humildes desculpas de Morhange, e ia repeli-las, quando um olhar me convenceu de que êle estava, pelo menos, tão irónico como surpreendido.

— Eu bem sei que a maior parte dos oficiais são uns grosseirões, — resmungou o velhote, mas isso não é razão suficiente...

— Eu também sou apenas um oficial, — tornou Morhange, cada vez mais humilde. — E nunca senti tanto a inferioridade intelectual dêste estado como quando há pouco, com uma indiscrição, de que peço desculpa, percorri as doutas páginas que o senhor consagrou à tocante história de Górgona, segundo Proctes de Cartago, citado por Pausânias.

As feições do velhote exprimiram disfrutável admiração. Limpou os óculos precipitadamente.

— Como?! — exclamou por fim.

— E é muito de lamentar — continuou Morhange imperturbável — que não possuamos o curioso tratado, consagrado a esta palpitante questão, por aquele Estácio Seboso.

— E que o meu mestre, o geógrafo Berlioux...

— Conheceu Berlioux? Foi seu aluno? — balbuciou, aturdido, o homemzinho.

— Tive essa honra — respondeu Morhange, agora muito frio.

— Mas então o senhor ouviu falar, está ao corrente da questão, do problema da Atlântida?!

— Sim, conheço alguma coisa dos trabalhos de Lagneaux, de Pioix, de Arbois de Jubainville — disse Morhange glacial.

— Ah! Meu Deus! — e o homemzinho estava na maior agitação — senhor, meu capitão, que prazer, peço mil desculpas!...

Ferradji tornou a levantar o reposteiro:

— Sidi, êles mandam-te dizer que se vós não ides começarão a almoçar sem esperar por vós.

(Continua)

(1) Chamam-se Tuaregues brancos os servos pretos dos Tuaregues. Os nobres andam vestidos de algodão azul e os servos de algodão branco.

Passatempo

VINTE E CINCO CABEÇAS

(Solução)

A figura junta indica a solução do problema, nos termos precisos do seu enunciado, como facilmente se poderá verificar. Não está repetida a mesma cabeça, em nenhuma das fileiras horisontais, em nenhuma das colunas verticais, nem em nenhuma das duas diagonais.

卐 卐

Indo certo dia um sujeito procurar um amigo seu, e respondendo-lhe a criada que seu amo não estava em casa, retirou-se sem dizer coisa alguma, apesar de o ter visto por dentro da janela.

Dali a poucos dias aconteceu ter o que se negou precisão de falar ao outro, e batendo-lhe à porta, veiu êle mesmo abril-a, dizendo:

— Eu não estou em casa.

Então que é isto? — disse o que o procurava. O senhor está brincando comigo?

— Ora essa! respondeu o dono da casa, pois eu dei crédito à sua criada quando me disse que V. tinha saído e V. agora não me acredita a mim!

卐 卐

Tendo um judeu vendido a certo fidalgo um cavalo, quis persuadi-lo de que era turco. O fidalgo, depois de o pagar por bom dinheiro mostrou-o ao seu mordomo, que era entendedor, dizendo-lhe: — Que lhe parece? Será turco ou não?

— Quer V. Ex.ª que lhe fale a verdade? — respondeu o bom do mordomo — pois digo-lhe que o cavalo é tão cristão como V. Ex.ª ou eu.

卐 卐

Margarida: — Ó Josefina, estou numa atrapalhação medonha! Zanguei-me com o Adolfo e êle agora quere que eu lhe mande outra vez o anel que me tinha dado.

Josefina: — Mas que arrelia!

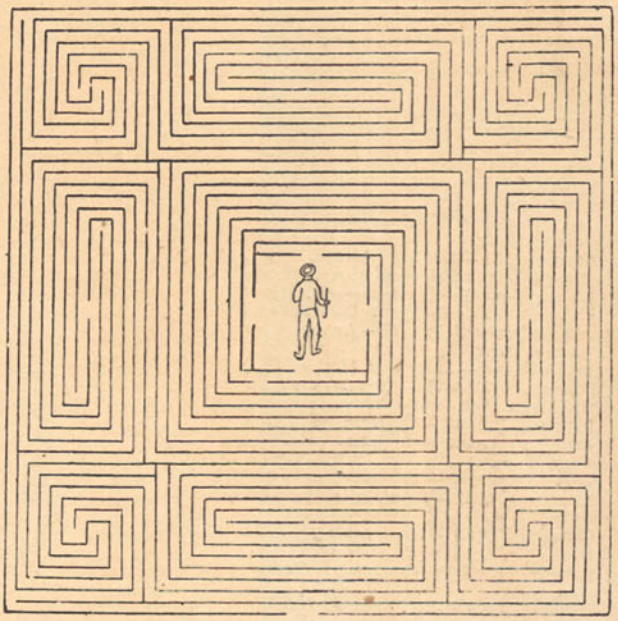
Margarida: — Pois é, mas o pior ainda não é isso. É que me esqueci qual dos aneis é o dêle.

卐 卐

Helena: — Meu marido tem sido duma extrema amabilidade comigo; tem-me comprado tudo quanto se pode comprar a crédito.

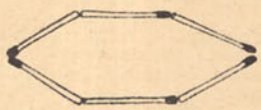
ELA: — Viu no jornal a notícia daquêle banqueiro do Porto que ofereceu à noiva um colar de pérolas de 300 contos?
ELE: — Não, não dei por isso.
ELA: — Santo Deus! Mas então os senhores nunca andam ao facto dos acontecimentos importantes do dia?

LABIRINTO



OS DOIS ROMBOS

(Problema)



É infinito o número de problemas que se propõem e se resolvem com fósforos de cêra. Eis aqui mais um:

Consiste em formar, com esta figura, dois rombos iguais entre si, apenas levantando e colocando noutro logar dois fósforos, e acrescentando um.

卐 卐

Onde estão os bicyclistas?

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

SECÇÃO FRANCESA

LITERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

ADRIEN-BERTRAND (SUZANNE) — *Expériences ou Un femme d'aujourd'hui devant les hommes et devant l'amour.* 12 fr.

ALIBERT (F.-P.) — *Terre d'Aube.* 15 fr.

ANDRE-CUEL (GEORGE) — *Le Meneur de joies.* 12 fr.

ANDRIEU (FORTUNÉ) — *La Fontaine Divine.* 12 fr.

ANET (CLAUDE) — *Notes sur l'amour.* 12 fr.

AYMARD (CAMILLE) — *L'appel de l'échafaud.* 12 fr.

BAGRE (JEAN) — *Les griffes du désert.* 12 fr.

BAILLON (ANDRÉ) — *Le Perce-oreille du Luxembourg.* 12 fr.

BEAUFILS (MARCEL) — *Onze études, en forme de contes.* 15 fr.

BARING (M.) — *Daphné Adeane.* Trad. do inglês por Louise Faisans-Maury. 22 fr.

BERENCE (FRED) — *Les Inassouvis.* 12 fr.

BILLY (ANDRÉ) e TWERSKY (MOISE) — *L'Épopée de Ménache Foïgel.* II — *Le lion, l'ours et le serpent.* 12 fr.

BINET-VALMER — *La femme blessée.* 12 fr.

BORDEAUX (HENRY) — *Le Marchand de bonheur* ou *La chasse aux misères.* 12 fr.

BOUJASSY (JEANNE) — *Minerve.* 12 fr.

BOURDET (MAURICE) — *Pendant qu'une femme dansait.* 10 fr.

BOVE (EMMANUEL) — *La coalition.* 12 fr.

BRUNEL (NORÉ) — *Physiologie du cocuage.* 5 fr.

CHARRON (DR.) — *Nos pauvres médecins.* 8 fr.

CORDAY (MICHEL) — *Monsieur, Madame et l'auto.* 12 fr.

DAUDET (LÉON) — *Le Napus.* 12 fr.

DESTEL (ROBERT) — *Igor et la sensitive.* 12 fr.

DUCLOS (HENRI) — *Le Prieur de Prouille.* 12 fr.

DELLY — *L'Infidèle.* 12 fr.

DUFOURT (JEAN) — *Maîtresse Jacques* ou *L'épouse à tout faire.* 12 fr.

DU TAILLIS (HÉLÈNE) — *La nouvelle Bovary.* 12 fr.

FRAPIE (LÉON) — *L'institutrice de province.* 12 fr.

GINISTY (PAUL) — *Tiberge.* 12 fr.

GOMEZ DE LA SERNA (RAMON) — *Gustave l'incongru.* Trad. do espanhol por Y. Cassou e A. Wurmser. 15 fr.

GUIL — *La vallée morte.* 12 fr.

HARRY (MYRIAM) — *Le mannequin d'amour.* 12 fr.

HERLAER (LAURE DE) — *Chante Clair Féminin.* Roman d'une garçonne honnête. 12 fr.

ISWOLSKY (HÉLÈNE) e KACHINA (ANNA) — *La Jeunesse Rouge d'Irma Gorskaya.* 12 fr.

LALLY (ALPHONSE-LOUIS) — *Pour essayer nos ailes.* 12 fr.

LECOQ (LOUIS) — *Soleil.* 12 fr.

LEFEBVRE SAINT-OGAN — *Les Disgrâces amoureuses de M. Vaux du Mouron, financier.* 12 fr.

LOUMAYE (MARCEL) — *Les ardeurs spéculatives.* 10 fr.

LUCIETO (CH.) — *Livrés à l'ennemi.* 12 fr.

MACHARD (RAYMONDE) — *La possession.* 12 fr.

MARGUERITTE (PAUL) — *The Elder sister.* 12 fr.

ISABEL MULDER

ROSARIO SANSORES

Duas belas revelações poéticas do ano findo, nas letras espanholas: Isabel Mulder e Rosario Sansores. A primeira, de origem alemã, com o livro Embrujamiento, *de estirpe baudelaireana, candente de amor e em que se lê êste grito muito humano «soy carne, Señor, no soy una roca'...». A segunda, nascida no México, falanos do amor em vésperas de renúncia, no seu livro* Cantaba el mar azul, *que inclui êstes dois versos, síntese da obra:*

Llevo en mi corazón la primavera,
pero otoño en mis ojos se avecina.

MOURA (JEAN) — *La mariée noire.* 12 fr.

PEYRE (JOSEPH) — *Les complices.* 12 fr.

PRÉVOST (MARCEL) — *La fausse bourgeoise.* 7 fr. 50.

PALACIO VALDÉS (A.) — *Tristan.* Romance de costumes, trad. do espanhol por Madame Berthe Bridé. 12 fr.

PREVOST (JEAN) — *Merlin. Petites amours profanes.* 12 fr.

PIERREFEU (JEAN DE) — *Paterne* ou *L'Ennemi des sports.* 12 fr.

ROUSSET (JEAN) — *L'homme des âmes.* 12 fr.

RAMUZ (C. F.) — *La beauté sur la terre.* 50 fr. suiços.

ROSNY (J. H. AÎNÉ) — *Les navigateurs de l'infini.* 10 fr.

REMIZOV (ALEXÉI) — *Sur le champ d'azur.* 16 fr.

REUILLARD (GABRIEL) — *La chair en peine.* 10 fr.

RAMEAU (JEAN) — *Les aventures d'un poète.* 12 fr.

ROQUEBRUNE (ROBERT DE) — *Les Dames Lemarchand.* 12 fr.

RIBEMONT-DESSAIGNES (G.) — *Le Bar du lendemain.* 12 fr.

SANDY (ISABELLE) — *Les Soutanes vertes.* 12 fr.

SANDY (ISABELLE) — *La Ronde invisible.* 12 fr.

STIX (PIERRE MAURICE DE) — *Proche-Orient* ou *«Les Belles Dames de Sans-Merci».* 10 fr.

SAUGER (ANDRÉ) — *Aujourd'hui, mon vieux.* 10 fr.

SERRES (PAUL) — *Le don suprême.* 12 fr.

SIMART (MAURICE) — *Un cœur de quarante ans.* 10 fr.

SANDRU (LOUISE) — *Ames jeunes. Vieilles pierres.* 5 fr.

SOLEVE (JACQUES) — *Ceux qu'elle trompe.* 10 fr.

SAND (AURORE) — *Pour remettre à Franck.* 10 fr.

STORN (T.) — *L'homme au cheval gris.* Trad. do alemão por Pitrou. 20 fr.

TREICH (LÉON) — *Histoires pour lire entre hommes.* Col. d'Anas. 6 fr.

TAVANO (C. F.) — *Terres rouges.* 9 fr.

VALENSI (THÉODORE) — *Le Musicien de minuit.* 10 fr.

VERONA (GUIDO DE) — *Mimi Bluette, la fleur de mon jardin.* 9 fr.

VILLETARD (PIERRE) — *Le vieux jaune.* 10 fr.

VALCLER (J.) — *Une saison d'espoir.* 10 fr.

VIGNAUD (JEAN) — *Sarati le terrible.* 12 fr.

VERNE (MAURICE) — *Le secret de Babylone* (Le fantastique de notre époque). 12 fr.

WEIL (A.) — *Contes et légendes d'Israël.* 9 fr. 50.

WILLY — *Les aphrodisiaques.* 20 fr.

ZIFFERER (PAUL) — *Le saut dans l'inconnu.* 12 fr.

ZARY (ANTOINE) — *Gorka la bien-aimée.* 10 fr.

ZIEGLER (H. DE) — *L'invention du bonheur.* 12 fr.

ENSAIOS E CRÍTICAS

BRACH (PAUL) — *La destinée du comte Alfred de Vigny.* (Col. *Roman des Grandes Existences).* 15 fr.

BRION (MARCEL) — *Gobineau.* 12 fr.

BROUSSON (JEAN-JACQUES) — *Itinéraire de Paris à Buenos Aires.* Epilogue d'Anatole France en pantoufles. 12 fr.

DANIEL-ROPS — *Carte d'Europe. Strindberg, Conrad, Tchekow, Unamuno, Pirandello, Rilke, Duhamel.* 12 fr.

DAUDET (LÉON) — *Ecrivains et artistes.* 5 vol. 20 fr.

DAVRAY (HENRI) — *Oscar Wilde. La tragédie finale,* seguida dos *Episodes et Souvenirs et des Apocryphes.* 12 fr.

DIETZ (JEAN) — *Maurice Barrès.* 6 fr.

FREUD (PROF. SIGMUND) — *Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci.* Trad. do alemão e anotado por Marie Bonaparte. 12 fr.

LALOU (RENÉ) — *Vers une alchimie lyrique (Sainte-Beuve, Aloysius Bertrand, Gérard de Nerval, Baudelaire).* 12 fr.

MAUROIS (ANDRÉ) — *Quatre études anglaises.* 20 fr.

NOVALIS — *Journal intime.* Seguido de *Hymnes à la nuit* e *Maximes inédites.* 21 fr.

SOUDAY (PAUL) — *Marcel Proust, André Gide, Paul Valéry.* 3 vols. 27 fr.

WALTER (FÉLIX) — *La Littérature portugaise en Angleterre à l'époque romantique.* 25 fr.

VIAGENS

AMUNDSEN (ROALD) e ELLSWORTH (LINCOLN) — *D'Europe en Amérique par le Pôle Nord.* Trad. por Ch. Rabot. 12 fr.

GIDE (ANDRÉ) — *Voyage au Congo.* 12 fr.

VIOLLIS (ANDRÉ) — *Seule en Russie, de la Baltique à la Caspienne.* 13 fr. 50.

HISTÓRIA

BAINVILLE (JACQUES) — *L'Allemagne romantique et réaliste.* 28 fr.

MURAT (PRINCESSE LUCIEN) — *La vie amoureuse de la grande Catherine.* 9 fr.

SICARD (AUGUSTIN) — *Le clergé de France pendant la Révolution.* T. II. *La lutte religieuse.* 20 fr.

SUMIEN (N.) — *La Correspondence du savant florentin Paolo Dal Pozzo Toscanelli avec Christophe Colomb.* 18 fr.

ULLOA (LUÍS) — *Christophe Colomb, catalan. La vraie genèse de la découverte de l'Amérique.* Avec un appendice sur les Colombo et les Colomo castillans et sur le passeport donné à Colomb en avril 1492, pour se rendre dans l'Inde. 35 fr.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo êstes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	22$00	43$00	84$00
Registados	24$40	47$80	93$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL		49$00	96$00
Registados		53$80	105$60
INDIA, MACAU E TIMOR		53$00	104$00
Registados		57$80	113$60

	Semestre	Anual
ESPANHA	47$00	92$00
Registados	51$80	101$60
BRASIL	52$00	102$00
Registados	61$60	121$20
ESTRANGEIRO	63$00	124$00
Registados	72$60	143$00

NUMERO AVULSO 4$00

POUPE O SEU CARRO

DIGA-NOS A MARCA E O N.º DO SEU AUTOMÓVEL

ENVIAR-LHE-HEMOS NA VOLTA DO CORREIO ESTE INTERESSANTE LIVRO

GARGOYLE

Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de recomendações

Vacuum Oil Company

RUA DA HORTA SÊCA, 15 a 17 – TELEFONE TRINDADE 980 (7 LINHAS)

NOVIDADES LITERARIAS

NOVOS LIVROS PARA CREANÇAS

BIBLIOTECA INFANTIL

Acabam de publicar-se e já estão á venda

O QUE CANTA O PINTASSILGO

(SERIE B — N.º 4)

Jane Bensaude
e Agostinho de Campos
ESCREVERAM

Raquel Roque Gameiro Ottolini
e Emmerico Nunes
ILUSTRARAM

O ROMANCE DAS ILHAS ENCANTADAS

(SERIE C — N.º 3)

JAYME CORTESÃO
ESCREVEU

ROQUE GAMEIRO
ILUSTROU

Cada volume brochado . . . . 6$00
Encadernado . . . . . 10$00

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA